Cuidado com as urinas!

Todo individuo previdente deve mandar examinar a urina uma vez ou outra. Muitas vezes o individuo se apresenta optimamente bem disposto e, no emtanto, um mal sorrateiro lhe ataca os rins ou a bexiga. Quando não fôr possivel mandar examinar a urina, deverá tomar, como preventivo, durante alguns dias seguidos, 2 a 3 limonadas de Helmitol Bayer, por dia.

Deste modo limpará as vias urinarias de provaveis hospedes perigosos.

Ha muitos e muitos medicos que fazem uso systematico do Helmitol com esse fim préventivo.

HELMITOL BAYER

Convem não esquecer

São muito conhecidas no Brasil as pomadas de enxofre para o tratamento da sarna e de outras coceiras. Todas ellas, no entanto, são irritantes ás pelles sensiveis e, sobretudo, á pelle delicada das crianças. Frequentemente essas pomadas complicam o tratamento da sarna, devido ao apparecimento de uma dermatite causada pelo enxofre. Não sendo conhecida a causa desta complicação, o paciente redobra as applicações da pomada e, mesmo, institue, erroneamente, um tratamento mais energico, com resultados ainda mais desastrosos. Surgem placas diffusas de dermatite que se propagam mesmo ás regiões não affectadas pela sarna.

Convém, portanto, evitar taes pomadas, usando de preferencia o Mitigal Bayer, liquido de uso asseiado, livre desses inconvenientes, dotado da virtude de curar a sarna em dois ou tres dias, apenas, e que serve, ainda, para combater qualquer coceira provocada pela sarna, carrapatos ou piolhos, bem como frieiras e certas doenças parasitarias da pelle.

O CIMENTO ARMADO DO ORGANISMO HUMANO

Póde-se dizer, sem receio de errar, que os saes de calcio representam, no organismo humano, o papel do cimento empregado nos edificios modernos. Basta o organismo humano desprover-se da indispensavel quantidade de saes de calcio para elle ficar em estado de menor resistencia.

Os ossos constituem as partes duras do corpo e representam o arcabouço sustentador das partes molles. O organismo precisa se abastecer constantemente de calcio para que o esqueleto se mantenha forte. O menor "deficit" neste elemento manifesta-se, logo, pelas caries dentarias e, nas crianças, tambem pelas fracturas osseas; bem assim nos adultos e nas crianças por muitas outras manifestações como sejam: fraqueza, insomnia, nervosismo, desanimo, palpitações nervosas, diminuição da memoria, etc.

Para combater este "deficit", muito commum em certas regiões do Brasil, onde os alimentos são pobres em saes calcareos, o melhor "medicamento-alimento" é a Candolina Bayer, que constitue o verdadeiro cimento armado para reforçar os edificios de carne e ossos.

MANHÃS

Manhãs NUBLADAS

Manhãs LIMPIDAS

Manhãs DEPRIMENTES

Manhãs DE JOGO

Manhãs LENTAS

Manhãs QUENTES

Manhãs FRIAS

Manhãs DE PRESSA

Manhãs DE PAGAMENTO

Manhãs DE TRABALHO

Cada dia ha um rosto differente a barbear ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

HA MANHÃS em que falta a agua quente em sua casa; outras em que o seu rosto está duro e sensivel em seguida a uma noite em claro; ha manhãs em que o Sr. tem pressa de apanhar o seu bonde de 7.45; ha emfim toda especie de manhãs e toda sorte de condições para se barbear. Só ha porém UMA qualidade de laminas **GILLETTE**, o unico factor constante da sua barbeação diaria.

Todas as manhãs 30 milhões de americanos dependem dessas laminas.

Ponha amanhã de manhã uma lamina Gillette **nova** no seu apparelho Gillette e terá V. S. as delicias de uma barbeação suave, qualquer que seja o estado do seu rosto.

GILLETTE BLADE

TRADE Gillette MARK

Peçam o nosso folheto gratis "Barbear a si proprio".

Cia. Gillette Safety Razor do Brasil

— Caixa postal 1797 — RIO —

Aos revendedores Peçam o nosso material de propaganda GRATIS

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

VINGANÇA!

Como esses burguezes que, depois de correr annos e annos atraz da fortuna, vêm-se forçados a pôr bicarbonato e magnesia nos primeiros banquetes, Manoel Rubalcaba, o grande esculptor, tinha que amadurecer os seus festins de gloria com goles de nostalgia, e até com colheradas de arrependimento. Os tempos de alegres miserias, de fervidas illusões, de denodada luta, por isso que chegára ao fim, ficavam para traz. O triumpho, ganho pelo caro preço da mocidade, e patenteado agora por visitas constantes, curiosidades sem interesse, convites para todas as festas, e uma especie de indiscutivel proeminencia, um tanto semelhante á da morte, produziam-lhe decepção. E, embora, a golpes de cinzel, tentasse tapar a voz da consciencia, esta costumava falar-lhe no retiro do atelier, quando a esposa não estava a seu lado, para lhe dizer: "E's o primeiro esculptor, o mestre! Tira essa ruga da fronte, incontentado! Lembra-te do conto da mulher do pescador... Somos ricos e respeitados. Que mais queres?

Queria o impossivel: que o rio do tempo voltasse atraz o seu curso, e tambem queria a paz da alma. Cada encontro seu, com os companheiros de outr'ora, era-lhe um castigo. Os mais pobres, os de roupa mais remendada e olhar mais altivo, offendiam-no com o sorriso, até. Nessa manhã encontrára na rua o que melhor sabia enriquecer a sua miseria e o seu anonymato incorruptiveis, não invejando ninguem e desprezando todos; e, adivinhando-lhe a tristeza, elle dissera-lhe:

— Não me olhes com esse ar triste, grande hypocrita! Vaes-me fazer crêr que estás arrependido do teu triumpho... Bah! E se o estás peor. O unico arrependimento que serve é o que fica entre a tentação e o feito. Arrepender-se a "posteriori" e mortificar-se, sem conseguir nada. Ao fim e ao cabo, um mão passo que sáe bem, não é dos peores. Tu chegaste ao que chamam "c h e g a r", o mundo disputa os seus bonecos feitos com um "officio" diabolico, não se póde negar. Trocaste a primogenitura por alguma cousa mais que um prato de lentilhas: uma mulher bonita, intelligente e riquissima, por accrescimo, conforme dizem: palacio, automoveis... Homem, a proposito: sabes quem me disseram que morreu? "A Ciganinha", Isabel. Lembra-te? Só faltava que a tivesses esquecido, para que isso não tornasse a te incommodar na vida... Tinha um genio retrahido e vingativo; mas, para ella, Phidias e Adonis reuniam-se em ti. O nú que fizeste della era cousa muito differente do que fizeste depois, para satisfazer o gosto dos que pagam. Até pouco antes de morrer, dizia que era tua noiva... Logo depois, não sei que loucura lhe deu, e assegurou ter rompido comtigo para sempre, e ter-te odio. Tu has de saber...

— Não sei... Não tornei a vel-a.

Mas sabia... Lembrava-se com a memoria e a consciencia. Isabel era a má acção de sua vida. A's outras modelos, elle enganára depois de compartilhar, em seus braços, de horas e dias de gozo; e, comtudo, estava certo de não lhes ter causado mal algum. Porém o laço negro do remorso unia-o, atravez do tempo, a essa mulher que, com todos fôra sempre esquiva; a essa estatua de olhos dagua parada, que, ouvindo-o dizer um dia que, sómente com uma modelo, assim, seria capaz de fazer uma obra immortal, sobrepuzera-se á sua castidade atavica e permanecera deante dos seus olhos, durante varias horas, núa e tremula, com um pudor antiquado e apaixonado. Em vão, muitas vezes, respondendo em voz alta á censura do seu interior, dissera-se a si mesmo:

"Mas, se eu não lhe prometti nada, se depois que ella repelliu a minha primeira investida, não tornamos a falar em amor!...

Não importava. Os labios não tinham jurado; a alma, sim. Dos seus olhos, olhos profundos de cigana, tinham passado para os delle emanações mysteriosas, e a voz do sentimento lhe respondera com uma promessa. Apezar da irreductivel separação de raças, ella, quando estava longe delle ante a falta de respeito ou a falsa malevolencia dos companheiros, saltava a defendel-o, com geito felino, e se todos exclamavam, entre risos: "Está cahidinha pelo Manoel!", ficava attonita, arquejante, com medo de si mesma, então. Elle conhecia, de oitiva a sua fama de valentia; sabia que dois barbaros que pretenderam abusar della, uma vez, sahiram cheios de arranhões e tiveram logo que deixar o bairro, porque cada vez que ella os encontrava, renovava o combate; ouvira anecdotas acerca do seu caracter vingativo, da sua resistencia inquebrantavel a todas as seducções da mocidade e da riqueza e, ao vel-a tão submissa, ora lhe fugindo, ora o pro-

Inauguração de um amphitheatro de ethica psychiatrica no Hospicio

curando, e ao comprehender que bastaria um só gesto seu para vencer a sua tenue resistencia de fructa madura, sentia um mal-estar delicioso, feito, metade de vaidade de homem, metade de ternura de homem. Quando a que depois foi sua esposa chegou ao seu atelier, em companhia de uns estrangeiros, desejosos de conhecer os seus trabalhos, Isabel, que estava ahi, escondeu-se logo atraz de um biombo. As duas mulheres não se viram, mas ouviram as suas respectivas vozes. O instincto da "cigana" descobriu logo o que Rubalcaba só o soube, duas visitas mais tarde: que a visitante gostára muito mais do esculptor, que das esculpturas. Mas, nada disse; elle viu-a turva, com os olhos flammejantes, e perguntou-lhe:

— Que tens, mulher ?

— Nada. Amanhã não posso vir.

E no "amanhã", não appareceu.

Passaram-se muitos dias, sem que ella tornasse. Quando voltou, já o fio do noivado unia-o á que ia ser sua mulher, e Isabel foi recebida como um estorvo:

— Por todos estes dias, não poderei trabalhar comtigo. Depois te avisarei.

— Está bem. Adeus.

Este "adeus" foi a ultima palavra que ouviu dos seus labios, e elle nunca poude esquecer o tom reconcentrado, de colera, de dôr, de humilhação, de alma ferida, que vibrou nelle. Não a avisou nunca, e só uma vez a viu, por acaso, muito tempo depois. Casou-se, viajou, transpoz os humbraes da pobreza e do anonymato para ser o esculptor da moda, retratar aristocratas e mundanas, perpetuar, em monumentos mas bonitos do que bellos, esses herões ephemeros. Foi feliz até lhe branquearem as temporas, e então começou a sentir que tinha vivido muito mais tempo do que viveria ainda. O seu atelier coberto de tapetes, cheio de marmores e bronzes, não substituia a antiga agua-furtada, tão cheia de illusões; e a sua mulher, tão boa, tão generosa, e que o comprehendia tão bem, causava-lhe antipathia, quando entre elles se interpunha uma imagem esbelta, morena, e de olhos negros, profundos. Todas as suas obras anteriores pareciam-lhe mediocres quando, para aquecer as recordações, tirava para ver a estatua inacabada, passada para o gesso, por vontade da esposa que lhe tinha grande amor, por estar unida ao dia feliz do seu conhecimento com o autor. Aquella firmeza de linhas, aquelle molde, a um tempo suave e forte, causavam-lhe uma especie de raiva e inveja. Nunca mais as suas mãos obedeceriam assim á inspiração ! E nunca mais, tambem, voltára a inspiração imperativa. Tudo era officio, mediocridade, ganho, e tédio. Tédio sempre. Sómente uma vez esteve a ponto de penetrar num mundo novo, de ansias renovadas, e foi justamente então quando encontrou Isabel, e quando fugiu della, covardemente, numa verdadeira carreira, até ganhar uma rua central, e misturar-se ao tumulto dos transeuntes. Ia buscar o medico, na illusão de que a mulher lhe désse o filho desejado, que por fim voltou ao nada, e nunca elles puderam ter. Cahia a tarde, e elle atravessou uma ruasita deserta, quando a estatua viva surgiu de subito. Viu os olhos della procurando os seus, viu-lhe as mãos estendidas para elle, e fugiu, sem uma palavra, certo de que, se não se escapasse, o filho esperado nasceria numa casa de desventuras. Toda a sua carne sentiu o choque da grande tentação, e toda su'alma vibrou, num arrebatamento juvenil.

Mas o burguez actual, o futuro pae, triumpharam. Ao pa-

Affonso Fernandez y Catá

rar, perplexo, duvidou se o encontro era allucinação ou realidade. Quiz retroceder, e foi inutil: os olhos e as mãos avidos e anhelantes de o reterem já não estavam ali. De volta á casa, a esperança de ter o filho, não era senão um perigo de morte para a mãe, e uma tremenda decepção. Depois, vieram dias, mezes, annos. E inesperadamente, quando, para melhor evocar nostalgias e lembranças, sahira do seu atelier e fôra passear pelo bairro da sua adolescencia, o vingativo bohemio dava-lhe a noticia da morte de Isabel. E ella morrera, odiando-o...

—

A luz tamizada do atelier banhava docemente as obras agrupadas, e esboços e bronzes, até, adquiriam, assim, fantas-

Num chá dansante do Club Militar

ticas e tenues subtilezas. Rubalcaba e os seus companheiros (a esposa, e um comprador yankee) iam passando de uma estatua a outra, após um minuto de contemplação, e o critico, com a sua pronuncia nasal de americano do norte, substanciava o seu descontentamento assim:

— Todos me agradam, está claro... Obras de mestre. Mas eu quizera para o nosso museu, alguma cousa mais sua. Algum dos seus primeiros trabalhos. Comprehende? Um busto, um nu. Não tem um nu? Seria melhor.

— Um nu?

— Por que não lhe mostras aquelle, sem terminar? O amigo, sim. Não importa que não esteja acabado. Já sabes que todos os intelligentes acham-n'o magnifico.

— Não, esse não.

— Deixe-m'o ver, sim...

E, após uma resistencia inutil, o americano viu a estatua e ficou maravilhado. Os seus elogios dissiparam todos os escrupulos do esculptor, e, com o seu genio decisivo, fechou logo o negocio. Era necessario dedicar-lhe mais duas sessões, apenas, para não lhe tirar a belleza, e fundil-a immediatamente. Como a deixara até então, assim, exposta a perder-se? Que loucura! Elle não se iria, sem leval-a, e tinha que embarcar dali a quinze dias. Aos seus rogos, uniram-se os da esposa, e Rubalcaba cedeu. No dia seguinte, trabalhava com emoção e angustia na estatua, e, quando se separava para verificar o effeito de um toque nos olhos brancos de cega, via duas negras pupillas de agua profunda, que o penetravam até a alma.

Quando chegou o dia da fundição, estava nervoso. Antes da entrega, as suas mãos, tinham ido mais de uma vez á estatua, com o pretexto de firmar algum traço; mas em realidade, para tranquilizar a deusa, offendida, com as caricias falsificadas. O americano veiu buscal-o, e foram até ás officinas do fundidor, que ficavam fóra da cidade. Quando chegaram, já o molde, enterrado pela metade em um fosso, estava invisivel, dentro da armação de barro arenoso, e de madeira. O fundidor disse-lhes, ao recebel-os:

— Os fornos já estão preparados. A cêra ficou muito bem; mas, como o senhor quiz que a camada de bronze fosse muito espessa, o gesso se perderá. Em troca, o bronze durará mais, assim.

— Sim.

— Cem vezes mais do que o senhor e eu, Don Manoel. E a estatua o merece: é uma formosura.

Quasi nunca, os fundidores saem de sua indifferença subalterna, e, só no momento de esvaziar o metal, transfigurados pelo resplendor, o afan, e o perigo, é que se unem ao creador, num mutismo cheio de responsabilidades e esperanças. Rubalcaba ficou impressionado com o elogio. O mestre das officinas disse ainda:

— E' uma das suas primeiras obras, não?

O outro teve que se dominar para não dizer: "E' a minha obra unica", e assentiu com a cabeça, sem falar. Olhou para o relogio, e o chefe accelerou, então, os preparativos. As operações preliminares realizaram-se num recanto da officina, invisivel para elles; mas um resplendor de aurora o annunciava. Emquanto se iniciava o rito, após o qual, a sua obra perecedora se aprompta'ria para affrontar o tempo, Rubalcaba sentia que sómente a essa estatua estava ligada a sua gloria; e, atravessando a mólle de terra e areia, via com os olhos do espirito a imagem maravilhosa, filha

do seu labor, e pensava que a mulher de quem era a copia, estava já informe e presa de vermes, tambem entre a terra. Um silencio activo vibrava na crescente claridade. O americano e elle, a alguma distancia, seguiam a scena, emocionados. Só, a voz do chefe de officina perguntou brevemente:

— Já?

— Já — responderam.

— Preparem-se... Agora!

E, pouco a pouco, pendente de tres grandes correntes, avançou o enorme tacho, transbordante de mineral em fusão. Era, na tarde, como um coagulo de meio dia, como um precipitado de nacares, diamantes, ouros e irisações incomparaveis, como um pedaço de sol cahido. Chammas azues, amarellas, rubras, de transparencia tremula, surgiam da liquida luz. Era como uma immensa pedra preciosa derretida, como todas as pedras preciosas da terra, do céo e do mar, embora só se distinguissem reflexos de perolas, opalas, esmeraldas, topazios e saphiras. Doia olhar a incandescencia, cujas gloriosas entranhas ferviam, e Rubalcaba, deslumbrado, fitava-a, com os olhos e a alma queimados. Toda a luz dos melhores dias da sua mocidade estava ali; toda a lava de sua paixão, de vida e amor não logrados; a carne morena e florida de Isabel — fervores internos, e externa frialdade — ficaria feita daquella fogueira que depois se transformaria em bronze gelido e escuro.

Todos, attentos como estavam, ao grande concavo de refracções de luz, que se ia inclinando, não o viram approximar-se mais. Já o jorro, em cataractas de magicas luminosidades, começava a cahir suscitando explosões meúdas, quando, de repente, adquiriu caudal de torrente. Em um segundo, em menos de um segundo, uma explosão maior surgiu, e, entre gritos, o resto da materia ignea, derramou-se e foi uma flammigera serpente, rastejando pelo chão. Soou um grito proferido por varias gargantas que impetravam o auxilio divino; ouviram-se blasphemias e inarticulados ais, igualmente inuteis...

Surda a qualquer voz, a serpente tinha ido morder, com a sua bocca de fogo, os pés de Manoel Rubalcaba.

Sem a presença de espirito do americano, a desgraça teria sido ainda maior.

Quando depois da amputação, o esculptor voltou a si, não recobrou por completo o movimento, e perguntou á esposa que chorava desesperada, junto ao leito de dôr:

— Não se salvou a estatua? Deviam ter-me deixado morrer, então; era melhor...

— Oh, não! Morrer, não! Tens as mãos sãs e o cerebro, tambem. Pódes ainda trabalhar e amar-me.

E, com voz apagada e timida:

— Os pés, com que fugi della naquella noite... Tu não sabes! Não pódes saber!

E fechou os olhos, dentro dos quaes, em visão louca, confundiam-se carnes morenas, aguas paradas, negrores de abandono e magicos fogos de artificio, saturados de raios e raios de sol.

(Traducção de ANELÊH)

"MISS FLORES"

A senhorinha Maria José Pereira, uma das mais votadas ao titulo de Miss Maranhão.

São Sebastião do Paraiso (Minas) — Baile offerecido ao director do Gymnasio Paraisense, o qual se acha entre moças.

A senhorita Rosa Fères 2° logar no concurso de belleza em Macahé — Estado do Rio.

Ao despertar da juventude — Belém — Pará — Na praça Baptista Campos — Graciosas creanças da elite paraense.

Cavallos de batalha

Quando passou o bello alazão queimado que, sacudindo os seus arreios de prata, desfilava orgulhoso diante do feretro do Marechal Foch, o publico murmurou como ha oitenta e nove annos passados os que contemplavam o cavallo que precedia o corpo de Napoleão:
— E' o seu cavallo de batalha !...

Maria Cecilia, filha do commandante Hugo Machado, neta do Dr. Max Fleiuss.

Em primeiro logar os generaes não têm mais cavallo de batalha. Os grandes chefes da guerra moderna fazem uso do automovel e do telephonio. E de mais a mais aquelle que todo Paris viu é muito novo para ter feito a guerra ha quinze annos...

E' o que já observava Victor Hugo, a 15 de Dezembro de 1840, na Esplanada dos Invalidos, emquanto o cortejo funebre de Napoleão ia se approximando do tumulo:

"Eis um cavallo branco coberto da cabeça aos pés por um véo roseo, acompanhado de um camarista vestido de azul celeste bordado a prata e conduzido por dois lacaios de verde com galões de ouro. E' a Ebré do Imperador. Movimento entre o povo: "E' o cavallo de batalha de Napoleão !" A maioria estava plenamente convencida disso. Mesmo que o cavallo tivesse servido apenas dois annos ao Imperador, estaria com trinta annos, o que é uma bella idade para um cavallo !

"A verdade é a seguinte: esse ginete é um bom e velho cavallo — comparsa que preenche ha uns dez annos o papel de cavallo de batalha em todos os enterros militares a cargo da administração das pompas funerarias".

Passava-se isto num tempo em que o povo acceitava — á força — ser enganado. Mas foi realmente o cavallo do Marechal Foch que se viu na grande e inesquecivel parada de 26... Sómente elle pertencia ás cavallariças do grande capitão apenas ha alguns annos.

Para todos... HOLLYWOOD

PEREGRINO JUNIOR

GOSTO de evocar a cidade fantastica. Fico ás vezes horas longas a recordar. Como se estivesse sonhando. Surprehendente, bella, distante, Hollywood é **uma lembrança que desnorteia**. Uma pagina **de Mil e Uma Noites** que o Cinema pregou na **nossa memoria**. Foi a lampada de Aladino que illuminou, para alegria dos nossos olhos, aquellas ruas, aquellas casas, aquelles "Studios", aquellas praias, toda aquella desconcertante scenographia cinematographica que os americanos installaram na California. Mas não pensem que a Hollywood que eu guardei na retina é essa Hollywood banal, "standard", preconicio vulgar de "films-yankees", que nós encontramos, parada e apparatosa, em todas as revistas cinematographicas de Nova York. Não! A Hollywood que eu fixei nos meus olhos, que eu guardo na minha memoria, que eu conduzo na minha saudade, é uma cidade que não está nos "Baedecker", nem nas revistas de Cinema — é um brinquedo raro de c r e a n ç a rica. Hollywood é o brinquedo mais lindo da minha imaginação. E' uma miniatura do universo que a mão miraculosa de Sheherazade tocou um dia com a sua varinha magica. Na paizagem americana de Los Angeles, uma pagina oriental das Mil e Uma Noites... Foi em Hollywood que eu encontrei, n'um scenario permanente de super-producção de luxo, as mulheres mais lindas e os homens mais celebres: Norma e Carlitos, Pola Negri e Douglas Fairbanks, Marion Davies e John Gilbert, Gloria Swanson e John Barrymore. Um universo de sortilegio. Depois, paizagens civilizadas da Europa e paizagens barbaras da Africa, scenarios do seculo XVII e scenarios do seculo XXX, o mundo todo rodando em torno de um eixo — o Cinema. E romances! Quantos romances! Tambem comedias. Não raro tragedias. A vida — toda a vida — fantasiada, n'um carnaval permanente, a passeiar as suas tragedias e as suas comedias sem intervallos, em "travesti", e n t r e scenarios de "films",— dos "films" que o mundo inteiro devora com uma coriosidade avida e silenciosa... Hollywood é o maior milagre e a maior surpreza que o seculo XX escondeu á sombra dos arranha-céos super-civilizados dos Estados Unidos. E' uma lição sub-consciente de supra-realismo que Los Angeles está dando ao mundo.

— E'?...

— E'.

— Mas quando foi que você esteve em Hollywood?

— E quem foi que disse que eu estive em Hollywood?! Eu nunca sahi d'aqui! mas Hollywood é um sonho — e um sonho está sempre ao alcance de toda gente, até mesmo dos sonhadores...

A Illusão da Ba

(DE BARR

TRES POSES DE MISS BAHIA

A CREATURINHA geitosa que Nosso Senhor do Bomfim nos mandou, tem no corpo a alma sensivel do Brasil e nos olhos todos os doces da Bahia. E isso se pensa della logo que a gente se lhe approxima, porque tudo que tem é cantante e suave, desde o seu gesto mais simples á sua mais simples palavra.

Conversando, ella é inconfundivel com a musica do seu sotaque, com o poema das suas syllabas muito abertas e muito longas e sobretudo com esse sorriso que lhe veste os labios de felicidade e lhe dá á figura o esplendor de uma alegria que não acaba mais!...

Com essa franqueza que é, talvez, o seu dom mais precioso, a bahianinha, agora, ouvindo-nos attentamente, afoitamente nos respondeu:

— Não calcula como me é desagradavel falar sobre a minha propria pessoa!... Ah!... Quanto eu gosto de conversar... fiado é quanto me custa falar para a imprensa!...

E com toda essa meiguice que é a gloria maior da mulher bahiana:

— Mas eu gosto tanto do "Para todos"...

Abrindo os labios no seu melhor sorriso:

• — Elle é o quitute que o meu espirito mais aprecia!...

A bahianinha não gósta de dár entrevistas... E não gósta por uma questão de feitio moral e mesmo porque acha que o facto de ter sido MISS BAHIA não importa em dar-lhe relevo maior á figura que, contra todos os nossos protestos, ella classifica de humilde. Mas, nem por não gostar, não deixa de conversar comnosco e de animar a nossa palestra dessa affabilidade que se derrama dos olhos e se lhe prolonga nas palavras. Ella começava a contar que a maior surpreza da sua vida, a grande surpreza que ainda hoje a empolga, fôra a sua eleição para MISS BAHIA, quando a priminha travessa, cinco annos adoraveis de encanto e de ternura, surgiu na moldura da porta e avançou, agarrando-lhe as mãos, e beijando-as muito e envolvendo-as numa onda de carinhos. Nair beijou-a muito tambem e perguntou-lhe porque se expandira, assim, com tanta soffreguidão e tão inesperadamente ao que a garota com uma expressão nos olhos que nunca esqueceremos respondeu, o dedinho cahindo no ar em direcção ao photographo:

— E' que eu estou doidinha para tirar um retrato!...

Nair — a irresistivel bahianinha que tem "bom-bocados" nos olhos — ia só contar a sua surpreza maior... Mas contando a maior surpreza, sem querer e sem que lhe perguntassemos, contou-nos as condições em que inconscientemente concedeu a sua primeira entrevista. Ah! A traição do enthusiasmo com que nos começou dizendo que não acreditara tivesse sido eleita a mais bella da Bahia quando nem de longe acalentara esse sonho!

Mas para dizer-nos como recebera a communicação official do seu triumpho teve de reviver os detalhes do facto e fazendo-o recordou que estava em casa lendo um livro qualquer quando a chamaram ao telephone. Do lado de lá da linha uma voz amavel lhe deu noticia do resultado da eleição pedindo-lhe para receber um redactor do jornal que patrocinara o concurso. Nair desligou o telephone attonita, as mãos frias, os rythmos do coração accelerados e cheia de sustos inexplicaveis participou aos de casa a nova surprehendente. E ainda não se reassenhoreara do controle dos nervos quando o jornalista entrou, risonho, cumprimentando a. O joven sentou-se em sua frente e conversando, com naturalidade que encantou Nair, foi ajudando-a a reanimar-se e a tomar os freis de todos os seus sentidos.

Palestraram longamente e Nair foi respondendo despreoccupadamente ás perguntas que elle lhe fez, testemunhando-lhe mesmo, entre os assumptos feridos, o seu grande espanto pelo seu triumpho, quando a sua collocação até um dia antes do encerramento do concurso não lhe dava esperanças nem para vencer na zona em que fôra votada!...

Na manhã seguinte com estupefacção indescriptivel Nair leu no jornal de que fazia parte o collega que com ella conversara, a reproducção fiel e nitida de toda a palestra que en-

...ianinha Rebelde

...VIDAL

...tretiveram! E agora as suas proprias palavras, em meio ao enthusiasmo dos olhinhos vivos:

— Elle não escreveu nem uma nota! Não tomou o mais simples apontamento!... E repetiu as minhas idéas e tudo que lhe disse, afinal, com as minhas proprias palavras!...

Agora, a malicia da phrase disfarçada na doçura do sorriso:

— Os senhores quanto têm de gentis têm de perigosos!...

—

Fazendo questão de accentuar a todo instante que não gosta de entrevistas e a todo instante a sorrir e a prender, mais e mais a gente, Nair, com esse desembaraço que é tão seu como tão sua é a tentação dos olhos que Nosso Senhor do Bomfim lhe deu — olhando a priminha entretida com uma boneca disse:

— Interessante!... Quando eu era assim não gostava de bonecas. Era uma pequena ousada e disposta, sempre prompta para as brincadeiras dos rapazes!... Não que eu fosse endiabrada, não. Levava a sério os meus estudos mas nas horas de descanço eu procurava divertir-me de accordo com as exigencias do meu temperamento!...

E, impertubavel:

— Era terrivel!...

—

A bahiana quando não tem um rosario abraçado no pulso tem uma oração suspensa dos labios... Nair tem a sua prece de bahiana nos olhos... E foi, talvez, repetindo mentalmente essa prece que ella nos confidenciou o nome da santa de sua devoção escondendo o milagre que ella lhe fez, um dia:

— Santa Therezinha do Menino Jesus! Ella é tão boasinha. Deu-me allivio e felicidade num momento que nunca mais me esquecerei.

Desde então fiquei sua devota...

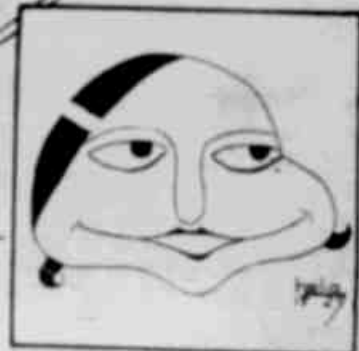
O sorriso voltando a cantar-lhe nos labios frescos:

QUATRO POSES DE MISS BAHIA

— A minha Therezinha do Menino Jesus anda sempre commigo...

E não contente em falar pelo gesto:

— Está no meu coração!...

—

A bahianinha excentrica de personalidade tão estranha cahia, de novo, no laço que a nossa curiosidade lhe armava, dizendo-nos que gosta de ouvir tango e de dansar o maxixe. E com esse "salero" que ella sem ser hespanhola tem:

— As harmonias do tango falam ao espirito e pedem quietude e penumbra para ouvil-as! Os gritos e as cocégas do maxixe empolgam, porque cada nota sua é uma festa e cada harmonia um turbilhão!...

E, provando que é mais brasileira do que bahiana:

— O maxixe é a musica que melhor representa o Brasil!...

—

Nair, a uma indagação nossa, agora que nos obrigamos á uma pausa tinha esta evasiva triumphal:

— O Passado tem tanta poeira!...

— Eu sou uma mulher do Presente que sonha com o Futuro... vamos deixar em paz o que passou?

—

Deixamos, neste instante, a bahianinha linda no portão da casa em que mora, depois de lhe apertar a mão e de receber nos olhos a mancheia de sorrisos que ella nos jogou. Vinhamos andando e pensando como a bahianinha rebelde vive illudida com a sua propria pessoa e com o seu proprio capricho, pois tendo horror a entrevistas ignora que mesmo sem falar e sem chegar perto da gente exprime, pelo sorriso que lhe não sae dos labios, tudo que nem todas as palavras juntas têm colorido para exprimir...

VELHA CASA

A casa é velha
Pesada.
Chata.
Branca.
Olha o rio.
Olha a ponte.
Olha as arvores
com os olhos apagados e vasios das janellas abertas.
Quando a noite abre um grande guarda-sol preto
sobre a terra
começa a melopéa sonora dos sapos.
E no terreiro varrido do ceu
correm vagalumes.
Piscam.
Piscam.
E se apagam.
Outras vezes
chove luar.
Uma chuva mansa
luminosa
macia
que enche de pó de arroz a face encardida da velha
casa
e enverniza de prata
as aguas do rio
e as folhas verdes das arvores.
E a velha casa
fatigada
cerra os olhos apagados das janellas.
E adormece.

Na velha casa
pesada
chata
branca

eu vejo a avosinha
alta
morena
e forte
com os lindos olhos intelligentes
sentada em larga rede cuaybana
no meio dos netinhos
pulam
cantam
gritam
brigam
choram
e como um punhado de borboletas
se espalham pelo pateo.
Eu me vejo
entre elles
pequena
agil
travessa
trigueira como uma india.
E vejo a sala de visitas
sempre fechada
sempre fresca
sempre cheirosa
cheia de retratos severos
e pesados moveis antigos.
alinhados pelas paredes.
Vejo
tambem
um velho piano
dentro de uma capa de casemira bordada.
E sobre o piano
numa rica moldura
um homem formoso e triste
segue-me por toda a parte.
E' meu avô
que eu não cheguei a conhecer
e que não chegou a me amar.
E vejo
um grande relogio armario
encostado á parede
com bizarras figuras de dragões
rodeando o mostrador.
E jarrões de louça antiga
carregados de flores.
E albuns luxuosos
cheios de photographias antigas.
E vejo
as flores do pateo
debruçadas nas seis janellas da varanda.
Ouço a risada vegetal das flores.
Vejo a dansa luminosa das abelhas
sobre os jasmins
os cravos
as rosas
e as dhalias
na festa primaveril da terra.

A casa é velha
Pesada.
Chata.
Branca.
Olha o rio.
Olha a ponte.
Olha as arvores
com os olhos brancos e vasios das janellas abertas.
Mas
lá dentro
já não vejo
a avosinha
alta
morena
e forte
de lindos olhos intelligentes.
Nem a ronda vadia dos netos.
Nem os moveis pesados.
Nem os retratos antigos.
Nem o piano velho.
Nem o relogio armario.
Nem os jarrões de louça.
Nem as flores do pateo.
Gente nova.
Desconhecida.
Novas cousas
vieram para o bojo da velha casa
pesada
chata
e branca.
Não importa!
Quando eu quero vêr a velha casa
não passo por lá
mas fecho os olhos.
Fecho os olhos!
E de repente
vejo a avosinha
alta
morena
e forte.
E a ronda das creanças.
E o retrato do vôvô.
E os moveis pesados.
E os quadros antigos.
E o piano velho.
E o relogio armario.
E as flores do pateo.
Vejo tudo.
Tudo...
A vida que já foi.
A vida que já não é
A vida que não mais será
mais nunca
dentro da velha casa
pesada
chata
e branca
que olha o rio
olha a ponte
olha as arvores
com os olhos apagados e vasios das janellas abertas.

Miss Bahia
com sua sobrinha

O Club Phenicio deu uma festa bonita á Miss Cidade, sabbado passado

EM SÃO PAULO

Miss Paraná e Miss São Paulo com Marilia Escobar Pires na festa que lhes offereceu a familia da illustre declamadora paulista. A' esquerda, em pé, o nosso Brasil Gerson.

Miss Brasil e
Carlos Modesto
a bordo do
"WESTERN WORLD"

Fructo da época

MONOLOGO

DE

MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA

apresentado encantadoramente por Lou de Moreira Santos no Gymnasio do Fluminense F. C. em 1 de Junho.

Ambiente: Sala moderna.
Personagem: Vera, moça creada á sombra dos "arranha-céos".

VERA **(entrando distrahida)** — Ai, ai, meu Deus... Se "elle" soubesse... Ai, meu René ! O artista mais bello do cinema do meu coração... **(suspira)**. **(Ao publico, embaraçada)** — Desculpem, cheguei da cidade tão distrahida que não os vi ! E', estava justamente fazendo contas do que gastei e acabo de verificar que fui roubada, escandalosamente roubada... Já não se póde fazer compras; além do custo exhorbitante, caixeiros malcreados que servem por favor — e servem mal ! Ainda hoje corri todas as casas da cidade, obriguei-os a trazer as ultimas novidades das prateleiras e, por fim, aborrecida, mal humorada, consegui comprar o que ? isto... **(mostra um embrulho minusculo)**. Um horror ! Mas, como ia contando, estive na cidade. Ih ! Quanto rapaz bonito e pirata anda nesse Rio de Janeiro ! Cruzes ! Como sabem captivar ! A's vezes basta um só olhar... A's vezes falam... parece até que é uma "rêverie" de Schumann... Que verbos, que adjectivos "qualificativos"... **(Imita)** — "Pedacinho do céo"... "Coisinha gostosa"... — E dizer-se que passo indifferente a tudo isso... Sim, porque "eu" sou uma moça differente das outras, extraordinariamente differente. Muito particularmente entre nós (sim, que eu não gosto de falar mal de ninguem, nem me preoccupo com a vida de pessoa alguma) mas... ha cada moça saliente... "Eu" ? Eu não sou assim ! Se todas pensassem como "eu", o mundo estava salvo ! — A Carminha, por exemplo, homem para ella é Deus ! Tem vinte namorados e tres noivos; francamente, não sei como ella se arranja ! Maria Lucia é outra: rapaz com baratinha não escapa; tem baratinha ? — Zás ! Namora !... Calculem que chega a chamal-os pelas marcas de seus carros !... **(Imita)** — "Meu Pachardzinho, meu Lincolnzinho"... E' fantastico ! "Eu" ? Deus me livre ! Credo ! Não vê ! ! ! Demais a mais, não sei se sabem, eu sou declamadora; recito tudo: poesia, soneto e Olegario Marianno. Mas, como ia dizendo, os senhores não pódem imaginar como este mundo está torto ! — A innocencia foi levada pela voragem profanadora do cinema. **(Tragica, discursando)** — O romantismo desappareceu com a litteratura perversa de Pirandello. A modestia, o recato, o pudor..., derrubaram-nos definitivamente as exigencias anthropometricas e a arte photogenica... A mulher já não vive para o lar; ter marido é a maneira mais commoda de ser livre, o divorcio, o meio mais pratico de variar de "bungalow"... Verdadeiro cháos ! **(Pausa. Um relogio bate ao longe)** Está quasi na hora do chá. Vou receber Madame Souza Ramos pela primeira vez... **(ironica)** Isso promette novidades encantadoras... Apezar de estar em casa, devo preparar-me como se fosse a um baile, só para não soffrer a affronta de suas criticas... Vejam, meus amigos, em que estado está a nossa sociedade !!! Lamentavel ! Incrivel ! **(Pega na bolsa "coquette")** — Já repararam como as mulheres de agora se pintam ? "Eu" não... uso só um pouquinho para não parecer tuberculosa. **(Applica pó de arroz com exaggero)** Mas "eu" condemno tudo que é exaggerado. **(Rouge nos labios)** Não ha nada mais bonito do que uma moça sem vaidade. **(Crayon nas sombrancelhas)** Sem o artificialismo corruptor das mulheres futeis ! **(Signal no rosto)** E tudo para que ? Para agradar aos homens !... Pobres creaturas ! Infelizes ! Como eu as desprezo...

UMA VOZ — Vera ! Vera !

VERA **(para dentro)** — Que ha ?

A VOZ — Telephone.

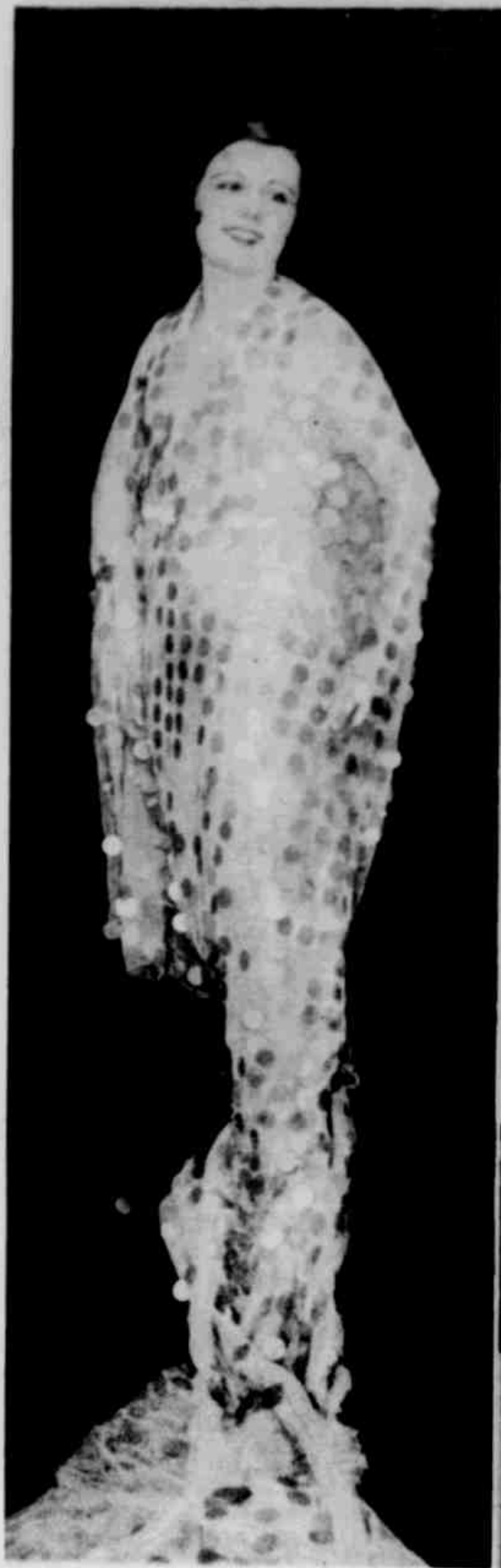
VERA — Quem quer falar commigo ?

A VOZ — O mesmo de hontem.

VERA — Ora, são tantos... **(para dentro)** Qual delles ?

A VOZ — O da "baratinha" azul.

VERA — Meu amor! Meu Chryslerzinho ! Já vou !... **(Sae correndo).**

Senhoras Clara Korte, Eugenia Alvaro Moreyra, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Luiza Torres Paranhos, senhoritas Magdala da Gama Oliveira, Lou de Moreira Santos, Eunice Monte Lima, Attalá Soares, Yolanda Peixoto, Amelia Maria Gaspar da Rocha, Ruth e Yvonne Gama e Silva, Maria Rodrigues, Violet Atle e Lucy Tavares, que tomaram parte na festa promovida pelo Departamento Feminino de Educação Physica do Fluminense F. C., sabbado passado.

CHRISTIANE DOR

MLLE. PRAXEDES

Companhia Franceza de Comedias Musicadas

LOULOU DIENA

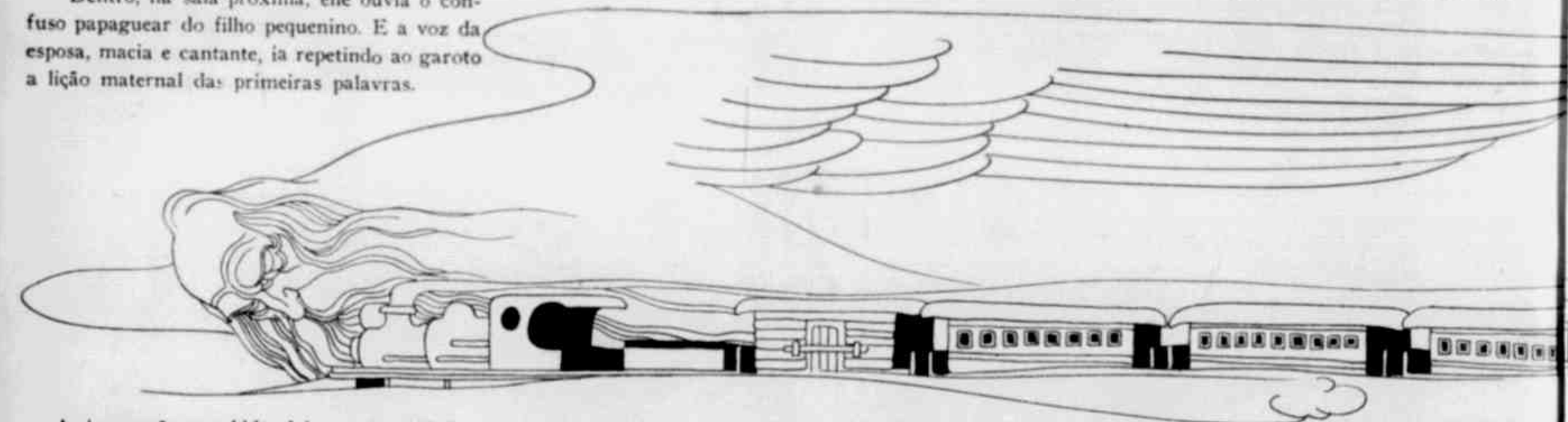
Breve no Theatro Lyrico

CANTO DO CYSNE

Mario Ferreira

A CARTA romanesca explicava, a linhas tantas: "Vou ausentar-me para sempre, para muito longe, onde ninguem mais me verá. Quero, pois, que este adeus seja coroado de rosas. E é a ti, como a minha recordação melhor, que escolho para symbolo da minha mocidade, nesse ultimo encontro..."

Na ampla varanda colonial, deante dos terreiros cobertos de café, Marcio amarrotou entre os dedos a carta perfumada, onde lourejavam, em relevo de ouro, os caractéres minusculos de uma divisa romantica.

Dentro, na sala proxima, elle ouvia o confuso papaguear do filho pequenino. E a voz da esposa, macia e cantante, ia repetindo ao garoto a lição maternal das primeiras palavras.

A impressão recebida foi, na serenidade do ambiente, de contrariedade e enfado. Aquella mulher de antigamente, como que a ondular lubrica, nas curvas caprichosas da calligraphia franceza... Aquella mesma creatura do outro tempo, arripiada de ciumes e queixumes, a suspirar ainda, sombra de tantas sombras extinctas, memoria quasi perdida, quasi nada... A carta entre os dedos enervados, elle desceu a larga escada do alpendre, recoberta de trepadeiras em flôr.

Caminhou ao acaso pela fazenda, incerto entre a negativa do silencio e a recusa directamente formal. Como lhe parecia anachronico aquelle capricho á Bataille, variante miniatural de "Phalène", a instal-o para personagem de theatro! E a suggestão literaria, resquicio de antigas velleidades, sacudiu-lhe o corpo numa grande risada indifferente...

Mas a tristeza mansa da tarde era envolvente, penetrante, sob aquelle céo côr de violeta, onde as primeiras estrellas pareciam ter olheiras tristes. No arripio da brisa fresca, já de inverno, as folhagens rumorejavam tristemente, como a contar, de galho em galho, historias perdidas, de felicidades perdidas. E no pomar proximo, batendo nas pedras esverdinhadas do tanque, o fio de agua da nascente parecia falar, muito triste, das distancias irremediaveis, das horas que não voltam nunca mais...

Então, Marcio lembrou-se, irresistivelmente, de si proprio. Reviveu-se tempos atraz, justificado perante o "velho" por inexplicavel antipathia dos mestres, a repetir os annos infindaveis de um vago curso juridico. O seu tempo de estudante, no Rio, com os olhos dourados de illusões! A "baratinha" azul-escuro, rodando, á hora vespertina das elegancias, na successão das praias maravilhosas — o aprumo heraldico do Flamengo, a quietude burgueza de Botafogo, a alegria desportiva de Copacabana... A sua "garçonnière" de Santa Thereza, onde o proprio rumor dos beijos languecia entre almofadas e tapetes, occulta em plena floresta e á vista do mar... E as noitadas barulhentas de "cabaret", entre tangos e "champagne", terminando no risco inconsciente das carreiras desabaladas para o Leblon, para a Gavea... Depois, as melindrosas de boccas pintadas, relações de chá-dansante, estreitadas em rapidos enlaces de Cinema, no calôr das salas escuras... E as conquistas das pensões galantes (a Mimi lourinha! a Margot de olhos fataes, antiga alumna de freiras! a Loulou de cabellos bolchevistas, figurinha de Herouard...), vencidas entre flores e perfumes, com maior gasto de "argot" parisiense importado nos livros de Marguerite e Dekobra... Depois... depois, o amôr absorvente, aquelle amôr fim de capitulo, fecho ardente de ultima pagina. A mulher de antigamente! Voluptuosa e branca, fructa balzaqueana, de sabôr violento. A emoção que estonteia. A sensação que embriaga. A inexpressão de todos os juramentos e a eloquencia de todos os grandes silencios... E, sob a noite de estrellas, Marcio acarinhou longamente, com dedos tremulos, a pobre carta amarfanhada, onde resaltava em ouro a divisa romantica...

* * *

Com o pretexto classico dos negocios, elle fôra aguardal-a na Luz. A estação regorgitava, entre silvos agudos e tympanos resoando. Tropel de emigrantes, tacões martellando o lagedo, os olhos tontos de esperança. Casaes que o destino ia separar, ainda muito unidos, extravasando saudade previa. Senhoras com braçadas de flores, ceremoniosamente á espera. A humanidade sempre a mesma. A decoração trivial das estações ferro-viarias...

Na espectativa do rapido santista, Marcio alargava passadas nervosas pela plataforma. A commoção electrisava-o, como si fôra inedita. Como no anseio do primeiro encontro... Olhava, no grande relogio, a dansa rheumatica dos ponteiros. Tempo caprichoso, de ironia satanica! Eterno chavão de philosophia quotidiana: a fugir da felicidade, aligero, de azas tatalando, e a prolongar as horas de ansiedade ou de amargura, lento em demasia, inteiramente fóra do rythmo desse pobre coração humano... E o mesmo pensamento intercallava, como refrão de cantiga, o phraseado mental de taes abstracções: — Era a mulher de antigamente, a vindoura. A mesma de antigamente! Mas sempre nova, como a mulher unica...

Ensimesmado na sua propria emoção, Marcio não percebeu a chegada do comboio, a chiar, fumegante, com grande pressão de freios. Esbarrado, atropelado, fixou o olhar ao acaso. E não foi preciso que se procurassem na multidão, ao longo da plataforma cheia de brados Os olhos

de ambos encontraram-se logo. Reconheceram-se ao primeiro relance. Beijaram-se de longe, na volupia do mesmo olhar. Em tanto, como esquecido, elle estacára no a g i t a d o bulicio dos p a s s a n t e s , a olhal-a indefinidamente. Vinha quasi velada, no rosto, pelo feltro de viagem... Mas como lhe pareciam nitidos, a elle, os traços archiducaes daquella mascara de raça! Esbelta, ondulante, ella esperou-lhe a solicitude de bôas-vindas; depois, com ar comprehensivo, desceu, caminhou sósinha. O mesmo andar bailado, Pawlova dansando Stravinsky... Na quietitude apparente, o pensamento delle sublinhava-lhe exaggeradamente os gestos. As boccas de ambos sorriam apenas, gostosas, como quem morde com fome. E foram quasi de gelo as primeiras palavras trocadas:

— Bôa viagem?...

— Esplendida! Uma deliciosa noite de estrellas, sobre o mar, até Santos...

* * *

Seguiram juntos, a caminho do hotel, enlaçados docemente pelo mesmo silencio, com o mesmo sorriso de encantamento focalisado nas boccas. Na intimidade elegante do apartamento, Marcio prendeu-a, dobrou-a nos braços. A mão impaciente arrebatou-lhe o feltro, cioso daquelle sombrio resguardo. A bocca offegante procurou-lhe os labios tremulos, entreabertos em offerenda. Toda a sua alma bradava, gritava de alegria. Mas, no primeiro olhar intimo, os seus olhos velaram-se, desencantados, ao clarão intenso das lampadas. Tentando ainda illudir-se, elle apertou-a mais, fixou-a de novo. E a verdade era mesmo aquella: a face de lyrio sulcada sob os cremes, a primeira flacidez da velhice no collo branco, a rêde dos annos contornando os olhos hypnotisados de angustia...

O beijo de Marcio baixou sobre a bocca fina como sobre alguma reliquia. A tristeza infinita dos beijos convencionaes! Parecia-lhe, curvado sobre si mesmo, estar beijando dramaticamente a sombra da mocidade. A arithmia das p u l s a ç õ e s como que lhe casquinava, dentro das veias, uma chusma de phrases escarninhas. Aquella r u i n a branca, ainda vistosa, era a mulher de outr'ora! A suprema tentação do outro tempo, o estonteamento, a fascinação...

Ella desprendeu-lhe suavemente os braços. Ficou alguns instantes suspensa, comprehendendo tudo, mas como si ainda quizesse entender melhor, soffrer integralmente a realidade. Não murmurou uma só palavra. O seu olhar, de expressão indefinivel, é que supplicava, excusava, recriminava. A tristeza ainda maior dos olhares inconsolados! Depois, como vergastado de indifferença, o pobre corpo esbelto, de linhas harmoniosas, pendeu lamentavelmente sobre a poltrona mais proxima, e o primitivo silencio de encantamento mudou, para o casal ephemero, no enorme silencio do afastamento... Marcio fôra, numa excusa trivial, encostar-se á janella, debruçado na fria noite de garôa. A névoa paulistana enrolava com véos imponderaveis as luzes da cidade. Derredor do Anhangabahú, os grandes palacios resaltavam no claro-escuro intermittente dos annuncios luminosos. Ao fundo, como em estrado de orchestra, repercutiam sobre o Viaducto os tympanos, klaxons e buzinas dos vehiculos em transito. E assim, esfumados pela neblina, os arranha-céos pareciam maiores, quasi cyclopicos. Marcio pensou, distrahido, na philosophia dos arranha-céos. A mesma de todas as grandezas sem alma... Quantas dôres humanas, minusculas e passageiras, soluçariam no bojo enorme daquelles gigantes de cimento armado! E como bador e suave. Mas a sua enormidade insensivel, o soluçar de todas as agonias...

Ella tocou-lhe no braço, de manso. O "deshabillé" claro, vaporoso de arminhos, destacava o seu perfil de medalha, ainda sem macula do tempo. E o mesmo perfume antigo, mixto de ambar e sandalo, parecia envolvel-a de invisivel auréola, halo aromatico simultaneamente perturbador e suave. Mas a sua voz estampava, em meias tintas de humildade, o reverso frisante dessa apparencia de seducção. Marcio que lhe relevasse aquella destruição de idolo antigo. Ella não deveria ter vindo. Não devia, como na critica de Anatole aos homens amorosos, ter mettido o infinito, todo o infinito, dentro do amor. A vida não admitte pausas e reticencias, bem que o sabia. Na vertigem do circulo vicioso, ella é, sobretudo em materia de sentimento, toda pontilhada de pontos finaes. Agora, só lhe restava, a ella, partir logo, no dia seguinte, assim que pudesse...

Deante da noite, Marcio enchera-se de piedade. Uma piedade immensa, universal, a espiralar-se para as proprias espheras. Todas as cousas, das infimas ás incalculaveis, lhe figuravam rolar irremediavelmente para o fim. Aquella voz abafada acabou de enternecel-o, pobre voz apagada, como si levasse aquella alma de rastos... Afagou-lhe as mãos finas, instando-a para que ficassse mais, alguns dias mais. Mas, não; ella insistia. Para que prolongar aquelle encontro? O adeus da saudade não é, decerto, o das mãos que mais se apertam. E' o que fica acenando dentro da alma...

* * *

O signal da partida aproximava-se, ao arrastar de antennas dos ponteiros. No fim da plataforma, encabeçando a serpente do comboio, a locomotiva fumegava e chiava, aprestada para a viagem. Marcio achegára-se á portinhola do "pullman". Sentia-se desolado, de alma pendente. Não desejava que ella, naquelle instante final, guardasse a impressão atroz do primeiro momento. A sua pobre querida! Dar-lhe, a elle, a ultima volupia do seu beijo, dos seus braços. Partir para sempre, numa extravagancia passadista, envolta em romantico mysterio. Envelhecer longe, onde ninguem soubesse, alta no seu orgulho de mulher...

Marcio ainda tentou falar. Queria deixar-lhe, por contricção, uma lembrança embaladora. Dizer-lhe todas as palavras de carinho, todas as ternuras... Mas o tympano metallico resôou nervosamente. Ella inclinou-se, rapida, na portinhola. Nada de expressões solennes. Não desejava, no adeus, a banalidade convencional dos madrigaes. Elle que se esforçasse por dizer-lhe, como antigamente, no mesmo entono, com a mesma ardentia:

— Meu amôr...

Os seus olhos fixaram-n'o, illuminados, magneticos. Marcio não reparou, entre os silvos lancinantes da locomotiva, que o trem rodava, começava a rodar. Via apenas, na abstracção integral do ambiente, a figura esbelta, ainda bella, que se afastava sem um sorriso, sem uma expressão, sem um gesto.

Mas a olhal-o, o l h a n d o - o s e m p r e , como iá de muito longe, como daquella distancia de onde não se volta.

E o comboio desappareceu no caminho, deixando apenas, na estação turbilhonante, o seu enorme pennacho de fumaça...

São Paulo, 8 — 3 — 1929

ILLVSTRAÇÃO DE J. CARLOS

O Maxixe Brasileiro na Grecia

BUENO MACHADO E DORA WARGA QUE ESTÃO DANSANDO EM ATHENAS

DORA WARGA

Berta Singerman na Expos'ção de Sevilha junto do Pavilhão do Brasil. A grande artista faz hoje á tarde, no Lyrico, o primeiro dos quatro rec'taes que nos vae dar este anno.

Heckel Tavares

Um dia destes, um encontro casual em plena Avenida, proporcionou-me alguns momentos de boa palestra. Heckel Tavares, cabeleira revolta, sorridente expansivo, visivelmente feliz, prendeu-me num grande abraço:

— Ha quanto tempo! Esteve fóra? Procurava-o ansioso. Quero dar-lhe o meu ultimo livro de canções, publicado agora. Dedicado ás creanças e já adoptado pela Directoria Geral de Instrucção Publica.

— Apenas...

— Sim... apenas. Você sabe que sou doido por creanças.

— Não sabia.

— Pois sou. Conheço-as muito, quero-lhes muito e estou convencido de que lhes fiz um bom presente. A edição é uma quasi loucura. No genero, o mais luxuoso trabalho jámais publicado aqui.

— O assumpto?

— O folk-lore, a minha mania. Themas populares conhecidissimos adaptados a versos primorosos de Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, e estylisados por mim. Não ha garoto que não cante isso.

— E a acceitação?

— Louca! Não ha que chegue.

— Desistiu, então, de continuar as suas canções originaes, tão lindas?

— Desistir, propriamente, não desisti. Atravesso, neste momento, uma quadra diversa da minha vida de compositor. Estou agora estudando a sério!

— Quê?!

— E' que tenho projectos a cumprir.

— Quanta coisa!

— Ah! meu caro, não queira saber das idéas que eu tenho na cabeça!

E Heckel Tavares, dando-me o braço, levou-me até ao café proximo. Eu sentia que alguma coisa de novo elle tinha para revelar-me. A sua ultima phrase aguçou-me a curiosidade. Numa época em que é tão difficil a um homem ter uma idéa, Heckel confessa-me que tem a cabeça cheia dellas! Pergunta-lhe, então, porque não punha em pratica as suas idéas?

— Lá chegarei —respondeu-me. E' precisamente por isso que estou agora estudando musica, com o professor Paulo Silva. Porque a verdade é que — para realizar os meus projectos, comprehendi que necessitava, antes de mais nada e urgentemente, ampliar os meus conhecimentos musicaes. Quero que os meus trabalhos sejam calcados em bases solidas, para que possam impôr-se e resistir ao tempo. E' provavel, é mesmo quasi certo, que entre para o Instituto, afim de cursar as aulas de composição, harmonia, etc. Conquistado o meu diploma, uma vez senhor de todos os segredos da technica da composição, terei vencido a primeira etapa do meu projecto de vida artistica.

— E iniciará a segunda phase.

— Sim, — disse-me Heckel. E sem se interromper: — Porque é preciso que lhe diga que toda a minha vida o meu sonho dourado era estudar musica. Desde menino, sou um namorado do nosso folk-lore, sou um apaixonado na nossa musica typica. Quer saber? Eu era ainda muito creança e já quasi tinha a altura que tenho hoje. Um conselho medico procurou prevenir possiveis consequencias do meu excessivo desenvolvimento. Eu devia trocar a vida da capital, pela do sertão. E foi assim que deixei a minha saudosa Maceió, onde nasci, para me internar num collegio de padres da pequena cidade de Garanhuns, no sertão de Pernambuco. Foi ahi que se manifestou em mim o gosto pela musica regional brasileira. Garanhuns, como toda cidade sertaneja, diversas vezes no anno, era e é o ponto de reunião de uma grande quantidade de boiadeiros que vêm dos arredores para ali fazer os seus negocios de gado. Cidade pequenina, sem attractivo nenhum, os boiadeiros procuravam, por suas proprias mãos, amenisar a sua permanencia no logar, realizando festas notaveis e tradicionaes de caracter puramente regional. Em Junho e Dezembro, porém, os festejos tomavam um vulto e um esplendor especiaes. Santo Antonio, São João, e São Pedro e Natal e Reis punha aquella gente, tão boa quanto simples, com a cabeça completamente desnorteada. Mas não eram só os boiadeiros que ficavam fascinados. No meu collegio, um alumno havia, para quem os estudos perdiam a graça e a disciplina tinha de ser quebrada... Era eu... Meu pensamento estava, então, completamente desviado para o sertão. Os "reisados", "Bumba meu boi" e o "Kilombo" tinham sobre mim um poder de attracção formidavel, uma formidavel força de fascinação. E não houve Junho e não houve Dezembro em que eu não me revoltasse contra a prisão do collegio e o carrancismo dos padres que me fiscalisavam. Um bello dia, porém, o acaso abriu deante de meus olhos o portão do collegio e eu consegui escapar, para refugiar-me numa fazenda da circumvisinhança, onde se estava dansando um "reisado". Quando o Superior deu pela minha falta, na revista das 8 horas, já eu estava havia diversos dias foragido. Foram buscar-me no meu esconderijo onde eu "gosava" a maravilha do "reisado".

— Como castigo...

— O harmonium da capella do collegio fechou-se para mim durante um mez...

Como se acaba de ver, Heckel Tavares não veiu desenvolver na nossa capital o seu gosto pelo folk-lore brasileiro. Esse gosto, formou-o elle em pleno sertão, no convivio dos cantadores e desafiadores que pululam pelo interior da selva brasileira. Musico por natureza, temperamento de artista, a quem Deus concedeu o dom cada vez mais raro da inspiração, Heckel Tavares comprehendeu, muito cedo, que havia no nosso folk-lore uma fonte inesgotavel de bellezas a explorar e sentiu, desde logo, que a musica maravilhosa que canta no nosso sertão, calhava magnificamente com o seu temperamento, fundia-se inteiramente á sua sensibilidade artistica. Desde então, uma serie de idéas musicaes delicadas e curiosissimas lhe vêm assaltando a imaginação e a fantasia fertilissimas. Todas essas idéas constituem um precioso thesouro que Heckel guarda no fundo de seu coração, na certeza de que um dia elle a revelará, para surpresa de todos nós. Mas Heckel, como tem succedido a tantos outros artistas, que chegaram á immortalidade, encontrou sempre um terrivel obstaculo ás suas idéas, na vontade paterna. De volta de Garanhuns, terminado o curso de humanidades, Heckel pediu a seu pae, que o mandasse estudar musica. Mas a resposta não se fez esperar e, dentro de poucos dias, Heckel estava empregado... em um armazem de estiva...

E o artista, depois de me fazer essa revelação, confessou:

— Meu pae é hoje um dos meus mais carinhosos admiradores. Mudou completamente de idéa. Mas naquella época, entendia que musica era profissão de malandro... O tempo modifica tudo. Meu pae, que assim pensava, já me prometteu o premio que eu mais ambiciono; para logo que termine o meu curso.

— Um premio de viagem...

— Sim, de viagem.

— A' Europa?

— Ao Amazonas, meu amigo. A Europa, musicalmente falando, não me interessa. Interessa-me o Brasil, que pretendo percorrer embrenhando-me pelos sertões, a partir da Bahia, até ao Amazonas. Vou em busca de impressões novas e novas emoções. Os motivos musicaes brasileiros, com a sua indiscutivel belleza, estão por toda parte. Vou colhel-os em suas proprias fontes, que são a base da nossa musica. Quero percorrer o nosso interior, recordar o que já conheço, rever o que vi, colher novos elementos de trabalho, da Bahia ao Amazonas, do centro ao Norte, da musica, á lenda.

(Conclue no proximo numero)

NA EMBAIXADA DO CHILE

Recepção offerecida pela senhora Irarrazaval Zanartu e o senhor Embaixador em honra do senhor Edwin Morgan, Embaixador dos Estados Unidos, e do Ministro do Perú e senhora Victor Maurtua.

A Benedetti Film vae lançar na segunda-feira o film "Barro Humano", a primeira grande producção brasileira.

Aqui estão algumas attitudes de uma das principaes interpretes de "Barro Humano", a nossa Gracia Morena.

Gracia Morena

ONDE BENJAMIM COSTALLAT ESCREVEU "GURYA"

Dois aspectos da sala de trabalho do escriptor formidavel que, collaborando diariamente em jornaes daqui e dos Estados, teve tempo de fazer esse romance que é o mais notavel dos romances nacionaes: "Gurya", que todo o Brasil está lendo agora.

E M B E L L O H O R I Z O N T E

As festas em honra ao Presidente Antonio Carlos

Em cima: S. Ex. assiste ás corridas no Prado Mineiro. No meio: dois instantaneos no Prado
Em baixo: commissão de senhoras de Poços de Caldas

O senhor Antonio Carlos com a commissão que promoveu a grande homenagem

NA CAPITAL DO ESTADO DE MINAS GERAES

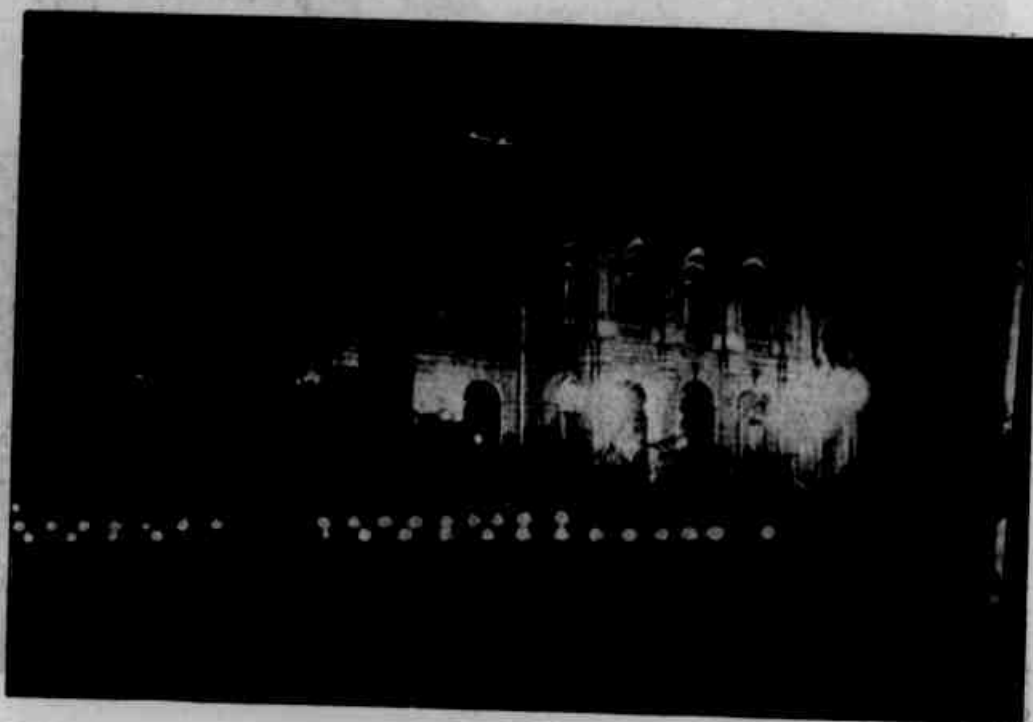
MANIFESTAÇÃO DAS CLASSES PRODUCTORAS AO PRESIDENTE ANTONIO CARLOS

Recepção no Palacio da Liberdade

Salão de recepção do Palacio da Liberdade

Em baixo, a platéa do Cinema Gloria com as commissões dos municipios durante a sessão civica.

A fachada do Palacio da Liberdade na segunda noite das festas ao Presidente do Estado.

Music - hall
POR
Di Cavalcanti

Lily Sister: numero para agradar rapazolas de 50 a 70 annos, gente que vae ao theatro, para esquecer a dyspepsia e o rheumatismo... Nacionalidade incerta...

Los Titos: hespanhoes de Hamburgo, agradam porque os espectadores gostam de symbolos... e todo o mundo é na vida equilibrista comico. Se não é, será um dia

O Posto Zootechnico da nova Directoria de Industria Animal do Estado de São Paulo, vendo-se o picadeiro para treinamento e as casas de pharmacia, de operações e de enfermaria para os animaes.

FOI CREADA EM SÃO PAULO A DIRECTORIA DE INDUSTRIA ANIMAL.

E INAUGURADAS AS SUAS AMPLAS E ADMIRAVEIS INSTALLAÇÕES.

Séde da Directoria da Industria Animal, obra do governo Prestes. Nesse edificio estão installados: o pessoal technico, laboratorios para bacteriologia, anatomia pathologica, salas de leitura, salão de conferencia, museu, camaras frigorificas e photographicas e uma secção pratica de lacticinios

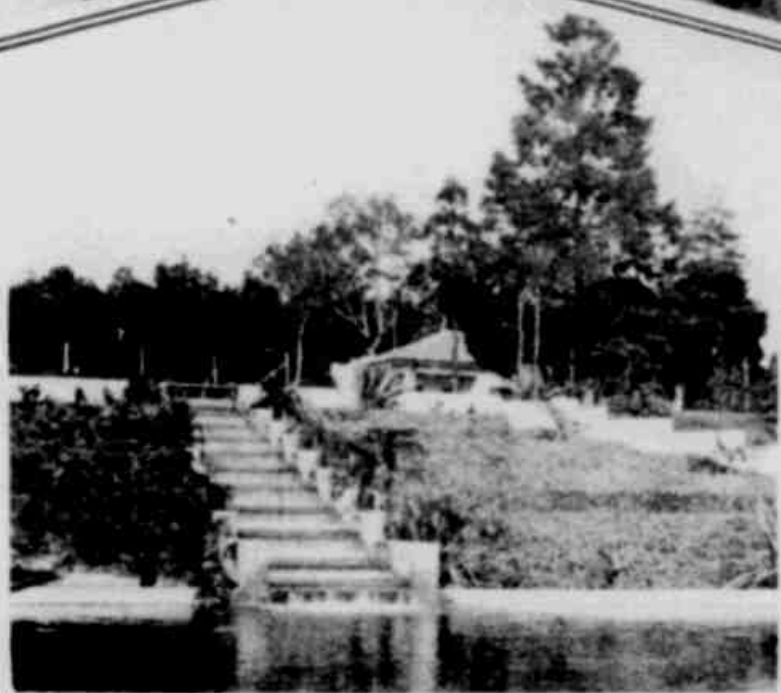
O almoxarifado da Directoria de Industria Animal

Outros pavilhões do Posto Zootechnico

A secção de avicultura pratica da nova Directoria da Industria Animal do Estado de São Paulo.

A secção de caças de pello igualmente subordinada á Directoria de Industria Animal.

Secção de caças de penna, da Directoria de Industria Animal. Photographia tomada antes da inauguração

Uma das secções mais interessantes da Directoria de Industria Animal, que o governo do Sr. Julio Prestes acaba de fundar, é a da Pesca. As duas photographias mostram: Em cima, um tanque para criação de peixe.

E no centro, a cascata ligando outros dois tanques, situados em nivel differente e por onde os peixes sobem em épocas determinadas, conforme exige a sua propria natureza.

A RESIDENCIA DO **DIRECTOR** DA INDUSTRIA ANIMAL, VENDO-SE NO

PRIMEIRO PLANO UM TANQUE DE CREAÇÃO DE PEIXES DE AGUA DOCE.

Em cima:
BAGACEIRA

No Rio Grande do Norte

Em baixo:
O AÇUDE

Atraz da casa da caldeira jogam o bagaço de canna moida. E' a bagaceira. Os bois vêm ahi, mascar a palha e aproveitar o assucarado que ficou nella. Moscas e bois. A Kodak elimina as moscas e torna hygienico o prazer da photographia.

As photographias são de Mario de Andrade

Mesmo na zona litoranea dos engenhos a secca chupa os açudes. Em torno delles a terra gretada engole lagartixas. As carnaúbas dão cêra e muita solidão. Quando o cincêrro duma vacca desperta o ar, a Kodak fica antiga, suspira e grava o idyllio.

E as palavras tambem são de Mario de Andrade

A esculptura negra primitiva

Os fetiches

A palavra "fetiche" tem diversas significações. E' usada, ás vezes, num sentido muito amplo e comprehende as mascaras, os feitiços, os amuletos, e até animaes vivos, arvores, certos actos e em resumo toda e qualquer coisa tendo poder magico. A's vezes limita-se estreitamente a designar pequenas estatuetas. E', ás vezes, difficil dizer porque um objecto é considerado como tendo um poder magico especial. Os indigenas, aquelles que têm tendencias artisticas, esculpem constantemente pequenas figurinhas, quer sós, quer nos utensilios como já o dissemos acima.

Existe em algumas tribus, especialmente no Congo e no Soudan, uma arte de esculpturar retratos sobre madeira. Os exploradores inglezes Joyce e Torday acharam na tribu dos Bushongo varias effigies de chefes; os mais antigos datavam certamente do anno de 1600, todos representando homens, cujos nomes são ainda sabidos e venerados. Cada figura é bem individual e devia ser considerada como um retrato realista, apezar de deformado por convenções artisticas. Esses retratos reaes parecem-se, ás vezes, com os fetiches que representam deuses imaginarios, o que é natural, pois a religião e o culto dos antepassados estão muito proximo um do outro. Não póde haver differença alguma entre uma figura commum e um fetiche magico, a não ser que esse tenha sido untado de barro magico, submettido a certas encantações, ou feito pelo fabricante official de fetiches que tem o privilegio de lhe dar um poder occulto. A maior parte, porém, das mais bellas figuras esculpturadas com um cuidado especial e conservadas com amor durante seculos, são, sem duvida, veneradas assim, devido a idéas religiosas.

Religiões vindas do exterior misturaram-se ás crenças primitivas, o mahometismo no norte do Soudan e o christianismo onde os missionarios conseguiram penetrar. A religião da maioria dos povos que ora nos interessam é um mixto de culto aos mortos e de animismo, culto das forças naturaes personificadas como se fossem espiritos humanos ou animaes. Na tribu dos Bantu, que constituem a base ethnica da maior parte dos negros do Congo, encontra-se geralmente a crença num sêr supremo, creador de todas as coisas. Imagina-se, ás vezes, assimilando-o á intelligencia que existe nalguns homens, por exemplo, num esculptor de talento. Entretanto, faz-se geralmente uma idéa tão elevada do deus que não se estabelece contacto algum entre elle e os simples mortaes. Elle creou deuses inferiores de um grande poder, mas que não possuem a faculdade de crear. Communicam-se com os mortaes e pódem dar o seu poder a homens, animaes, rochedos, arvores ou rios. Depois de ter o sacerdote descoberto, com o auxilio de determinados ritos, o objecto em que o espirito entrou, o povo venera esse objecto até que um signal, como, por exemplo, a quéda de uma arvore sagrada, lhe revele que o espirito o deixou.

O fetiche de madeira, fabricado pelos homens, é como que "uma casa de Deus", que serve de tabernaculo ao espirito depois de certas encantações do fabricante ou do proprio crente. O indigena sabe que o seu fetiche não é o proprio espirito; considera-o como uma imagem habitada por um poder transitorio devido a ritos magicos. Julga-se, ás vezes, que esse poder está ligado a um collar ou a um pedaço de panno, enfeites do fetiche que deixa de ser magico caso sejam tirados. Quando um rapaz se installa numa nova casa vae ao fabricante buscar um fetiche que elle consultará em todas as circumstancias importantes de sua vida. Offerecer-lhe-á sacrificios, consultando-o antes de emprehender qualquer coisa, enterrando-lhe um prego ou um pedaço de panno ou de pelle como lembrança. Abandonado pelo fetiche é bem capaz de tratal-o sem o menor respeito, descompol-o; bater-lhe ou mesmo jogal-o numa moita e, em seguida trazel-o novamente para casa. E ás vezes até, coisa estranha, vende-o a um viajante, colleccionador ou negociante, indo depois arranjar outro para si. Quando um fetiche de uma aldeia é queimado ou roubado, os indigenas continuam a rezar na cabana ou no abrigo em que elle estava dantes installado. Todos esses factos são talvez o indicio de certa inquietação no crente quanto á natureza exacta do espirito, mas constituem, em todo o caso, a indicação segura de que o espirito póde se separar da imagem de madeira em que tambem póde residir algum tempo.

Em geral as estatuetas são de madeira dura, mas pódem ser tambem de metal, de marfim, de chifre, de pedra ou de gesso, raramente de barro. Quando feitas unicamente de madeira, os detalhes da tatuagem, os collares, os penteados, os vestuarios são executados com o mesmo material, mas o artista, especialmente no Congo, não hesita em accrescentar-lhes accessorios confeccionados com outros materiaes: anneis de metal, vestuarios, etc... Costuma pintal-os de branco ou de côres brilhantes que nada têm de natural. Gosta principalmente de dar brilho ao olhar com o artificio das perolas, conchas, pedras ou pedaços de metal. A's vezes embute no ventre um espelho cimentando-o com barro. O motivo usado pelo artista póde ser uma figura humana, um animal ou uma monstruosa combinação dos dois. Fazem sobresahir certos detalhes, afim de dar idéa de um deus ou de uma cerimonia especial, os orgãos genitaes, por exemplo, são exaggerados, como na maior parte dos povos primitivos, nos assumptos relativos á fertilidade e á continuação da raça. Póde-se, muitas vezes, pelo exame dos detalhes, descobrir factos naturaes significativos quanto á origem da obra: insignias tatuadas ou caracteristicos physicos da tribu. Póde-se explicar certas particularidades como a hydrocephalia lembrando as legendas e tradições em que se encontram esses caracteristicos: emaciação extrema e a representação de um modo exaggerado de certas molestias (a dysenteria, por exemplo) tem por fim evital-as. Todos esses detalhes, porém, são apenas motivos e pontos de partida para a inspiração do artista e não se deve attribuir sempre uma determinada significação a certos caracteristicos de uma estatua que, na mente do artista concorriam apenas para o effeito do conjuncto plastico.

(PAUL-GUILLAUME E THOMAS MUNRO)

Commemoração da Independencia do Paraguay junto ao monumento phenomenal de Benjamim Constant na Praça da Republica
Artistas que tomaram parte na festa com que a Radio Sociedade solemnisou o sexto anniversario da sua fundação
A Senhora Rachel Prado agradecendo as homenagens a ella prestadas pelo Centro Carioca de Artes e de Letras

Distribuição dos premios da festa esportiva que se realisou a 13 de Maio na Fortaleza de São João
Familias hollandezas do Rio de Janeiro commemoraram o anniversario da Princeza Juliana, da Hollanda

No cáes do porto: quando embarcou para a Europa o senhor F. Sant'Anna, distincto turista brasileiro; quando chegou da Bahia o senhor Carlos Spinola, director da Succursal da S. A. O Malho na Bahia; quando embarcou para os Estados Unidos o desenhista senhor Orestes Acquarone, nosso companheiro

No Centro Gallego durante a festa de regosijo pelo anniversario do Rei Affonso XIII
Em seguida: a nova directoria do Centro Academico Candido de Oliveira com o Professor Castro Rabello
No Instituto Anatomico da Faculdade de Medicina: homenagem ao Professor Monteiro

A' direita: alumnas da professora Adelina Sá, que deram ha dias uma audição muito applaudida
Em baixo: um aspecto do prado do Jockey Club e dos grupos de creanças que estiveram nas ultimas carreiras

Jorge de Lima

e

um poema delle

Inverno

Covas bem fundas
pra enterrar canna;
canna ca'ana e flor de Cuba!
Terra tão molle
que as enxadas nella se afundam
com ôlho e tudo!
Leite e mais leite
pra requeijões!
Cargas de imbú!
Em junho o milho,
milho e canjica
por São João!
E, tudo isso, Zefa...
E mais gostoso
que isso tudo:
Noites de frio,
Lá fóra o escuro
lá fóra a chuva
trovão, corisco,
terras cahidas,
córgos gemendo,
os caborés piando, Zefa!
Os cururús cantando, Zefa!
Dentro da nossa casa de palha:
carne do sol
chia nas brazas,
farinha dagua,
café, cigarro,
cachaça, Zefa...
... rêde gemendo...

Tempo gostoso!
Vae nascer tudo!
Lá fóra chuva,
chuva e mais chuva,
trovão, corisco,
terras cahidas
e vento e chuva,
chuva e mais chuva!
Mas tudo isso, Zefa,
Vamos dizer
só com os poderes
de Jesus Christo!

Zefa, chegou o inverno!
Formigas de azas e tanajuras!
Chegou o inverno!
Lama e mais lama,
Chuva e mais chuva, Zefa!
Vae nascer tudo, Zefa!
Vae haver verde,
verde do bom:
verde nos galhos,
verde na terra,
verde em ti, Zefa,
que eu quero bem!
Formigas de azas e tanajuras!
O rio cheio,
barrigas cheias,
mulheres cheias, Zefa!
Agua nas locas,
pitus gostosos,
carás, cabojes,
e chuva e mais chuva!
Vae nascer tudo:
milho, feijão,
até de novo
teu coração, Zefa!
Formigas de azas e tanajuras!
Folhagens verdes, fructas maduras!
Chegou o inverno!
Chuva e mais chuva!
Vae casar tudo!
Moça e viuva!
Chegou o inverno!

Raul Pederneiras lendo o seu discurso na Festa do Calouro

A Casa Deserta

Quando o caminho desce e se encurva depois do cannavial de S. Roque, o passante se encontra num terreno de mattos bravios, baixos, guanxumosos. Logo se lhe apresenta a brancura de necropole de uma grande e velha casa.

E' a "casa abandonada".

Um pouco de hervas subiu-lhe pelos muros, foi ao telhado verdoso de limos e lichens e desce agora ao longo dos desenhos ennegrecidos nas gotteiras das telhas quebradas...

O silencio da casa é a tristeza das vidas extinctas.

O portão ao lado desfeito, desarranjado pelas chuvas que esfarellaram as madeiras e oxydaram os ferros, dá a impressão de cinco cruzes sepulchraes que se juntaram para não obstar a profanação daquelle santuario de saudade.

Na frente, a casa tem cinco largas janellas, todas forradas de vidros miudos já partidos quasi que na totalidade. Cinco degráos de pedra gasta dão accesso a porta central, lutuosa, escura como os crepusculos de chuva.

Nos dias lindos, quando o sol é um guizo de oiro luminoso e o azul dos céos descança nos arvoredos e nos campos silentes, — a passarada canta junto da casa deserta. Canta! As arvores copadas, amigas dos ninhos e dos amores, estendem os braços por sobre a orla das telhas partidas, roçam o esburacado das paredes, como a acariciar consoladoramente a ruina daquelle recanto!

Os d i a s succedem-se luminarios ou grisados na monotonia das chuvas. As tardes desdobram-se para além do esfumado das serranias longes, muito além dos sons sussurrantes dos sinos.

Ave Maria! A reza dos campanarios attrahe as estrellas que escondem o infinito da luz viajora no mysterio inilludivel do universo!

Vêm as noites. Calmas, cheirando a luar, embriagadoras, espetadas dos alfinetes brilhantes dos astros e dos vagalumes. Vêm as outras, sinistras, escuras, de pipillos, de chiados nas macegas, prenunciadores de avejões agourentos, de lemures lendarios...

E a casa deserta, esburacada de trevas, esqueleticamente branca ao luar ou ao relampago — lá está cantando na paizagem a odysséa das proprias dores, rememorando as vidas e os amores de uma geração inteira que lhe foi o coração pulsante!

E ella é a crystallização da propria nostalgia de um passado feliz enfeitado de alegrias e gargalhares...

O vento acorda gemidos nas frestas frias das portas. Uuns gemidos de dôr; uns solutos entrecortados e a casa deserta, impregnada de recordações, parece sentir as sombras geladas deslizando fugaces, gementes, nas salas vasias, como o sopro das noitadas tristes!...

HERNANI DE IRAJA'.

MARIA DANTAS
ALBERTO RAMOS FILHO

CLAUDINA VEIGA
DR. ZAHIRE CORINO PINHEIRO

ENLACES

LUIZA GAMA FERNANDES—ROBERTO TEIXEIRA GOUVEIA

De Elegancia

No *O Paiz*. Conversava eu com Berilo Neves quando alguem de mim se approxima e fala:

— De ha muito quero eu ser-lhe apresentado. Chamo-me...

— Osvaldo Paixão. Conheço-o de vista, tambem como escriptor, e, principalmente como autor de "Cartas Contemporaneas"...

— Que eu terei o prazer de lhe offerecer.

— E eu li. Será, porém, muito desvanecedor para mim possuir sua dedicatoria autographada.

Foi assim que travei conhecimento com Osvaldo Paixão, o mesmo que disse a uma melindrosa, nos "Funeraes do Pudor", coisas que só uma intelligencia servida por grande desassombro, poderia dizer. E tanta impressão causou que mais tarde, quando aqui estiveram as "Misses" concurrentes ao titulo da mais bella plastica — no que algumas, em maior numero, foram sacrificadas por se não terem submettido ás provas de "maillot" e á das medidas — do pulpito de importante Matriz um prelado verberava o concurso esthetico intitulando a sua pregação de — "Os funeraes da Castidade".

OSVALDO PAIXAO

Osvaldo Paixão, com o talento que lhe é peculiar, e com o seu modo de escrever, deveria dar-me interessante "interview" para "De Elegancia".

Ao prazer que eu tive de receber a chronica do illustre literato, ficará associado o encanto dos que costumam lêr esta pagina. Eis o que disse Osvaldo Paixão:

"A ELEGANCIA — (*Para a escriptora Alba de Mello — á sua elegancia, á sua "linha"*).

A elegancia é uma suggestão.

Tenho visto maltrapilhos elegantissimos, e *almofadinhas* do mais vistoso ridiculo, donde concluo que a elegancia, com respeito á endumentaria, independe tanto do apparato dos trajos, como depende da maneira por que elles são exhibidos.

Assim no homem; assim na mulher.

Muita princeza, com os seus mantos e brocados, desapparece num confronto com uma caixeirinha de *magazin*. Esta, muita vez, consegue mais em graça e, pois, em elegancia, com uma flôr entre os cabellos soltos, do que aquella com um diadema, que é, ao mesmo tempo, ornamento e presilha de um penteado architectural.

Direi, já agora, que a architectura é a arte-mater da elegancia.

A *linha* preside ao rythmo de ambas. A deselegancia, em ultima analyse, é *falta de linha*.

Na Grecia — cuja citação é de praxe, em assumptos da ordem deste — foi patente a connexão entre essas duas manifestações do Bello. E quasi podemos affirmar que a architectura e a graça individual absorveram todo um principio de belleza, se ponderarmos que a expressão classica *linha grega* corresponde, tão somente, ao rythmo exterior de individuos e monumentos.

Em rigor, a *linha grega* não existe na pintura nem na musica, e se na esculptura a visionamos é por ser esta a *architectura individual*, synthese, portanto, daquelle principio esthetico.

A elegancia, ou melhor, a *linha* é o imperativo categorico da belleza pura, e como tal bem mais philosophico do que se possa imaginar.

Invisivel substractum de todas as linhas visiveis, de todas as bellezas manifestas, a elegancia é o resumo esthetico do conjuncto, cuja imponderabilidade se contém numa palavra: *linha*.

Assim impalpavel, a coberto do nosso arbitrio, que só póde incidir sobre objectos, a *linha* é e será sempre a consagração definitiva, ou a irrecorrivel condemnação de uma obra d'arte, se presente ou ausente desta. Nem se diga que ha uma *linha feia*... A *linha* — rythmo da Belleza — é inclassificavel.

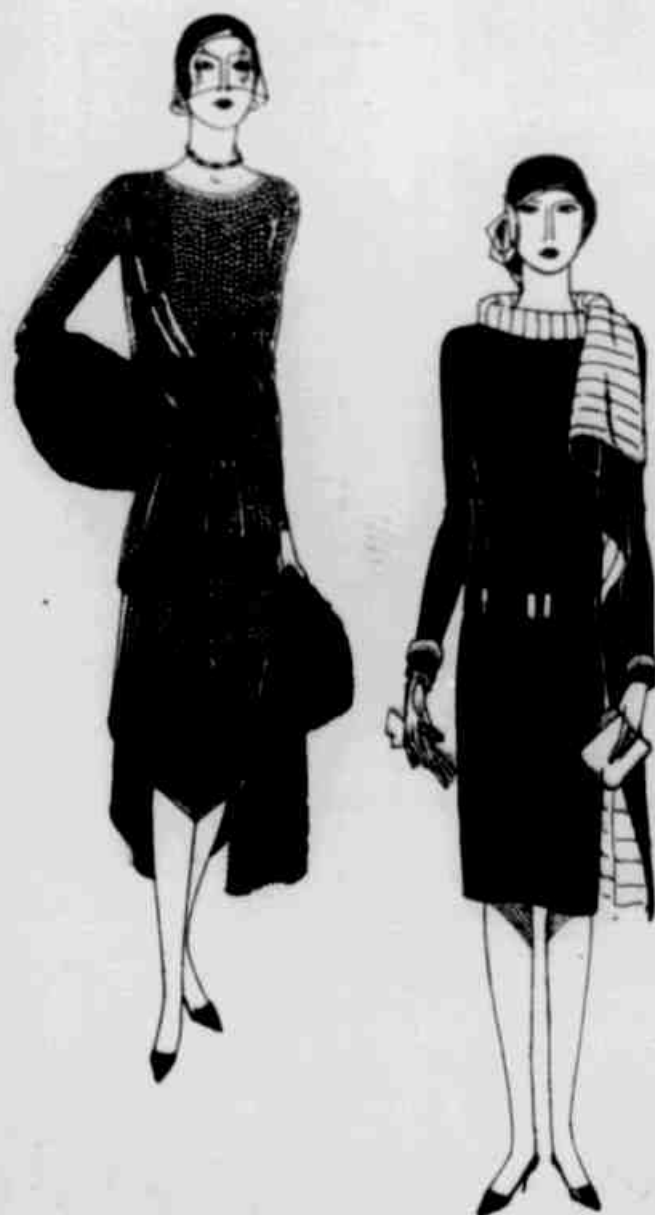
O que ha de feio, estheticamente condemnavel, são as linhas palpaveis, geometricas, dos contornos, de cuja harmonia poderá resultar, ou não, a *linha*, que é sempre uma affirmação de belleza.

Assim, póde um palacio monumental estar muito longe de nos agradar como um pequeno *chalet*. Tambem assim o agradarnos mais, tantas vezes, o *todo* de um *garçon* do que o de um bacharel — na hypothese, nem sempre provavel, deste não ser o *garçon*... A elegancia é a alma exterior. Não raro é o opposto da outra, a interior, como póde, ás vezes, corresponder-lhe, no caso, pouco commum, da

sinceridade das attitudes. Dahi o vermos muito canalha elegante, a inverter, com o mair brilho, o proloquio popular: Por fóra *muita farófa*, por dentro *molambo só*...

Revestimento — eis a elegancia e o seu segredo.

Uma tunica de Nésso *sui generis*, que muitos, desattentos, vestem pelo direito, e outros, mais sabios e prudentes, pelo avesso, o vestuario ou afflige quem o traz sem a devida *linha*, ou causa as maiores afflicções (as da inveja) aos que o contemplam em quem o sabe trazer elegantemente — com *linha*.

A subtileza infinita da elegancia objectiva-se no facto, bem commum, de ser ella uma virtude praticada por demonios, religiosamente... Ha mulheres e mulheres elegantissimas, mesmo vestidas! — *Oswaldo Paixão*".

* * *

Illustram esta pagina: penteados de A. Dorét; um modelo de capa para a noite, de velludo estampado, forrada de "lamé", góla e punhos de "chinchilla".

Tambem alguns modelos de "moire", setim e crêpe estampado de pequenos desenhos o que é de muito mais gosto.

Como taes tecidos mancham com facilidade, é preciso que as leitoras exijam do vendedor absoluta segurança da fixidez das côres.

Mais dois vestidos: um de velludo havana com desenhos amarellos e prateados; o outro de drap preto, góla de pelle muito fina e cinto de couro envernizado.

SORCIÈRE

Clinica Medica de "Para todos..."

ECTROPION E EPICANTHUS

O augmento de volume da conjunctiva, em virtude de uma inflammação chronica, revirando para fóra uma das palpebras e impossibilitando-a de cobrir o globo ocular, constitue o "ectropion", — affecção que é mais frequente na palpebra inferior.

As lesões cicatriciaes, consequentes ás enfermidades que produziram destruição parcial de uma ou das duas palpebras, — ferimentos diversos, ulceras de varias especies, principalmente as variolicas, queimaduras profundas, etc., são tambem elementos geradores do ectropion.

Si a anormalidade resulta de uma inflammação chronica da palpebra, faz-se o tratamento medico adequado: cauterização por meio do azotado de prata e applicação de um collyrio adstringente. — borax 1 gramma, tintura de opio 30 gottas, hydrolato de rosas 15 grammas.

Sendo a causa do ectropion o engorgitamento da mucosa, será preciso excisal-a, para lograr a cura definitiva.

Da mesma fórma, o tratamento pertencerá á cirurgia, quando o ectropion resultar de uma cicatriz. Far-se-á a excisão e recorrer-se-á ao methodo autoplastico, — substituição da pelle retirada, por um retalho obtido, noutra região.

—

O "epicanthus" é uma affecção caracterizada pelo desenvolvimento exaggerado da pelle do rosto, sobre os dois lados do nariz.

Em consequencia de tal desenvolvimento, formam-se, nos dois angulos internos dos olhos, dobras cutaneas que embaraçam a funcção visual e originam o estrabismo unilateral ou bilateral.

Com o evoluir da idade, as modificações anatomicas produzidas em todo o rosto, pódem de um certo modo, attenuar o defeito; a cura radical, porém, sómente é obtida, recorrendo-se á cirurgia.

Se o epicanthus é duplo, faz-se a operação, retirando, ao nivel da parte superior do nariz, um pedaço de pelle, em fórma oval ou ellipsoide, e reunindo, por sutura, os dois labios da ferida.

Quando o epicanthus affecta apenas um dos lados do rosto, é bastante praticar habilmente a excisão da pelle, para se effectuar a correcção desejada.

CONSULTORIO

E. P. (Nictheroy) — Dê á creança: terpina 20 centigrammas, benzoato de sodio 2 grammas, xarope de Desessartz 30 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 30 grammas, hydrolato de tilia 90 grammas —uma colherinha de 2 em 2 horas.

WANDA (Rio) — Durante os accessos, a pessoa referida deve usar: tintura de lobelia inflata 6 grammas, iodureto de sodio 8 grammas, tintura de opio camphorada 10 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, decocto de polygala 120 grammas — uma colher (das de sopa) de 3 em 3 horas. Fóra das crises, usará "Iodalóse Galbrun" — 12 gottas, num calice dagua assucarada, no meio de cada refeição principal.

A. J. M. B. (Bicas) — Use "Splenodóse — uma colher (das de sopa) em mistura com os doces de sobremesa, compotas de fructos, geléas, marmellada, etc., no fim do almoço e do jantar. Faça esse tratamento durante quinze dias, e, depois, suspenda-o para effectuar uma serie de injecções com a "Novoplas-

O ATTRACTIVO DOS CABELLOS ABUNDANTES

A belleza do cabello contribue poderosamente para o magnetismo pessoal das senhoras como dos homens. Tanto as actrizes como as senhoras da sociedade elegante estão sempre em busca de qualquer producto inoffensivo que augmente a natural formosura de sua cabelleira. O remedio novissimo é usar stallax puro como shampoo por causa do brilhantismo, da suavidade e da ondulação que elle produz no pello. Como o stallax não foi usado nunca, até agora, para este effeito, só o recebem os droguistas em pacotes com sello original, contendo cada um quantidade sufficiente para vinte e cinco a trinta lavagens de cabeça. Uma colherinha das de café cheia dos perfumosos grãos de stallax dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que bastante para cada shampoo. Beneficia e estimula grandemente o cabello, além do effeito embellezador que nelle produz.

---

mina A." Finda a serie de injecções, volte a usar a "Splenodóse", até completa extincção do remedio e, então, escreva, communicando o resultado. Ambos os medicamentos são encontrados em qualquer uma boa drogaria do Rio.

A. STERSI (E. S. do Pinhal) — Terá, por meio de carta, as informações que solicitou para fazer a consulta.

S. E. N. A. (Rio) — Internamente use: arrhenal 30 centigrammas, licor de Van Swieten 5 grammas, glycerina 30 grammas, xarope iodo-tannico phosphatado 300 grammas. — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. Externamente empregue: extracto de meimendro 1 gramma, extracto hydro-alcoolico de cicuta 2 grammas, aristol 2 grammas, pomada de beladona 20 grammas, em uncções na região indicada.

R. M. (Nictheroy) — Basta usar: tintura de colchico 4 grammas, tintura de cabeça de negro 5 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, iodureto de stroncio 6 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 20 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal.

N. A. H. I. R. (São Gabriel) — No dia em que o ataque se manifeste, dê á creança 3 colheres (das de sobremesa) do remedio referido. Nos intervallos dos ataques, basta usar, pela manhã e a noite, uma colherinha desse remedio. A creança deve usar tambem diariamente, no espaço de tempo que decorre entre o almoço e o jantar (duas horas da tarde, mais ou menos) uma pastilha de "Neurodóse" e tomar, depois de cada refeição principal, uma colherinha (das de café) do "Nucleatol Robin", dissolvendo os granulos num calice dagua ou num pouco de leite.

M. A. R. Y. (São Paulo) — A mamã deve usar: sulfato de sparteina 10 centigrammas, bromureto de sodio 2 grammas, xarope de convallaria 30 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, hydrolato de aniz 120 grammas,— uma colher de 4 em 4 horas. A's refeições, usará "Kola Granulada Astier".

DR. DURVAL DE BRITO.

A inauguração do salão Mourisco

Acto da inauguração, vendo-se ao centro a senhorita Zita Moraes.

Foi inaugurado em 1 de Junho, na Rua São Clemente N. 5-A, o mais chic salão de barbeiro e cabelleireiro no bairro elegante de Botafogo.

No acto, ao qual compareceram pessoas da nossa melhor sociedade, paranymphado pela senhorita Zita Moraes, de uma das mais distinctas familias do nosso meio social, que gentilmente acedeu ao convite do Sr. Gomez, socio da novel firma, foi servido doces, e uma taça de champagne.

O salão para senhoras no dia da inauguração

O Salão Mourisco, que fica bem proximo da Praia de Botafogo, pela sua artistica e caprichada installação, que obedeceu rigorosamente ao estylo mourisco, e pelo grupo de competentes profissionaes de que está dotado, é o mais completo e attrahente que já se fez no Rio, merecendo destaque o salão para senhoras, que está um verdadeiro mimo.

Tem portanto Botafogo de ora em diante um excellente salão onde, embora os mais exigentes, pódem ser attendidos a contento pleno, tal como nos mais procurados salões do centro.

O salão para homens

Os seus proprietarios, os Srs. A. Gomez & Garcez, envidaram esforços para que o acto da inauguração fosse revestido de todo o brilhantismo, redobrando-se em gentilezas para com os seus convidados, que de tudo levaram a melhor impressão.

Fachada do bonito salão, no dia que se inaugurou

A linda sereia que se humanizou...

(Conclusão do numero passado)

entre meia duzia de sentenciados que a rodeavam um delles, os olhos supplices, lhe pediu:

— Moça, dê-me uma santinha !...

E ella:

— E' religioso ?

Elle:

— Não !...

— Para que quer, então, uma imagem de santa ? indagou, surpresa, "Miss Fluminense", ao que o encarcerado respondeu, os olhos inundados de lagrimas, a voz afogada em soluços:

— Para matar as saudades que tenho de minha mãe !...

—

De todas as subtilezas e originalidades de Marietta Reivas, a que mais nos impressionára fôra, sem duvida, a sua paixão vertiginosa pelo mar. E passando perto delle, agora que a deixamos, vendo-lhe as aguas paradas, pensamos nas lendas do Oceano e na meiguice da linda fluminense que tem encantos de mulher, é verdade, mas tem irresistiveis seducções de sereia...

BARROS VIDAL

AGRADECENDO A BALA

(A' minha Rian)

E's tu, um grande escrinio de bondade !
O teu semblante, o teu olhar, a fala,
O teu perfil, a tua mocidade
Tudo isso é bom e doce como a bala.

De coração é que eu agradeço o afago,
Emquanto a bocca sorridente cala,
E' com silencio que ás vezes pago
Qualquer fineza que ao meu sêr a... bala !

Foi um presente dado com doçura,
Por tua mão, onde o perfume exhala,
Que ainda hoje o seu sabor perdura
Como lembrança que minh'alma em... bala !

Mais uma vez, ó linda creatura !
Da gentileza que inda me avassala,
Eu te agradeço muito esta ventura
De ser, assim, presenteado... á bala...

JOÃO BAPTISTA DIAS.

MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

Impossibilidade...

E que differença entre elles.

Ella era rica. Bem rica. As chronicas mundanas citavam-lhe o nome com adjectivos lyricos...

O palacete em que ella morava era o mais bonito da rua. Tinha parentes de luxo...

E elle? Nem uma posição apresentavel. Nada...

E pensando assim, doentiamente, parou no portão de ferro.

O palacete estava brilhante de luzes.

Ella tardava.

E elle começou a olhar tudo. Viu as roseiras embranquecidas de rosas. Os canteiros em fórma de bandeiras...

Depois fitou o portão de ferro. O cadeado. As correntes...

O luar punha pedaços de luz no jardim que a primavera embranquecera.

Então sentiu-se opprimido. Sentiu humidecidos os seus olhos de homem forte. E começou a evocar dolorosamente uns versos tristes e antigos:

"Ao luar tudo toma expressões differentes...
Tudo toma expressões de impossibilidade.
Ao luar tudo toma expressões differentes...
Tudo. Principalmente o seu portão de grade.
Que me diz "nunca" no cadeado e nas correntes".

OCTAVIO PRESTES JUNIOR.

(Sorocaba — São Paulo)

BIOTONICO FONTOURA

ANEMIA
NEURASTHENIA
DEBILIDADE
TUBERCULOSE

BIOTONICO
FONTOURA

REGENERA O
SANGUE
TONIFICA OS
MUSCULOS
FORTALECE OS
NERVOS

O BIOTONICO
É EFFICAZ EM AMBOS OS
SEXOS E TODAS AS EDADES

INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA-SERPE & C.ia
SÃO PAULO BRAZIL

COM O SEU USO OBSERVA-SE O SEGUINTE:

1.º Sensivel augmento de peso.
2.º Levantamento geral das forças.
3.º Desapparecimento do nervosismo.
4.º Augmento dos globulos sanguineos.
5.º Eliminação da depressão nervosa.
6.º Fortalecimento do organismo.
7.º Maior resistencia para o trabalho physico.
8.º Melhor disposição para o trabalho mental.
9.º Agradavel sensação de bem estar.
10.º Rapido restabelecimento nas convalescenças.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Officinas Graphicas d'"O MALHO"